

Koropó, puri, kamakã e outras línguas do Leste brasileiro: revisão e nova classificação

ABSTRACT: In this study, we carry out a thorough examination of extinct languages located in Eastern Brazil (from São Paulo to Salvador). There is a tradition in placing Koropó with Puri (Coroado), and both of them in a Macro-Jê superfamily. Firstly we argue against any affinity between Koropó and Puri languages. Secondly we give a set of reasons which leads us to the exclusion of Puri-Coroado from Macro-Jê languages. Going then in a northerly direction, we detail the Maxakali family in order to get a tentative classification of its members and to carefully compare this family with its linguistic neighbours (Kamakã, Jê and Krenak families). In doing such a comparison, we finally conclude that Maxakali shows a very close relationship with Kamakã, which most likely suggests a genetic connection between these two groups. However, there is no proof of genetic relationship between all these four families (Maxakali, Kamakã, Jê, Krenak), since we are in an area where a long history of interethnic contacts suggests that languages also share a large number of linguistic loans.

KEYWORDS: Indigenous languages of Eastern Brazil; comparison of extinct languages; Koropó and Puri; Maxakali, Kamakã, Krenak and Jê families.

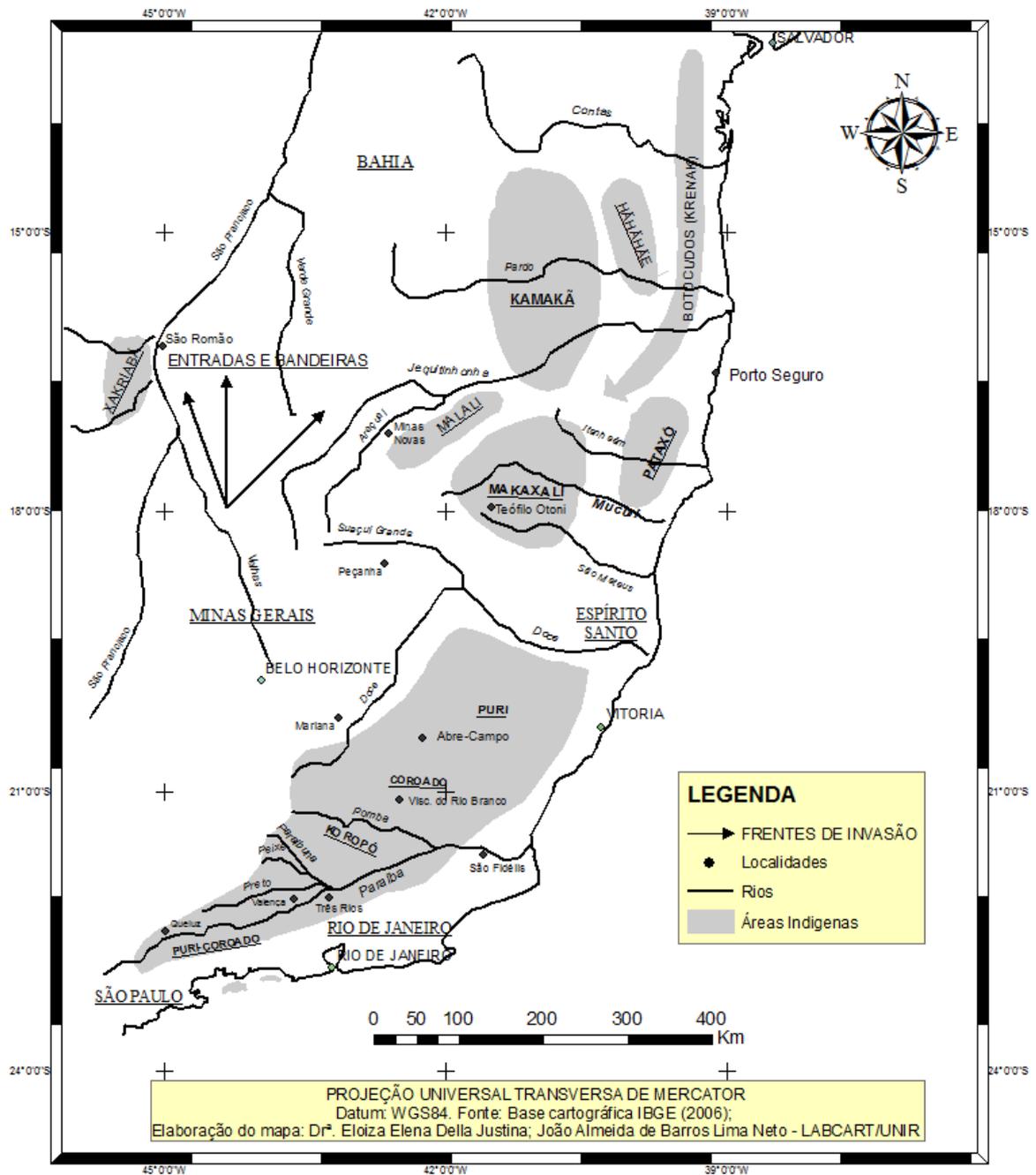
RESUMO: Neste estudo, realizamos uma análise aprofundada de línguas extintas localizadas no Leste do Brasil (de São Paulo a Salvador). Tradicionalmente, agrupa-se o koropó com o puri (coroado) e ambos na superfamília macro-jê. Inicialmente, refutamos qualquer afinidade entre as línguas koropó e puri e, subsequentemente, apresentamos razões para excluir o puri das línguas macro-jê. Prosseguindo em direção ao norte, examinamos detalhadamente a família maxakali, propomos uma classificação provisória de suas línguas afiliadas e comparamos pormenorizadamente essa família com línguas do seu entorno geográfico (kamakã, jê e krenak). Desse estudo, podemos concluir que o maxakali mantém estreita relação com o kamakã, sugerindo-nos a existência de um vínculo genético ente esses dois grupos linguísticos. Contudo, não podemos propor relação genética semelhante para todas as quatro famílias (maxakali, kamakã, jê, krenak) visto que seus falantes viviam numa área onde houve um longo período de contatos interétnicos que poderia ter favorecido o compartilhamento de grande número de empréstimos linguísticos entre esses idiomas.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas indígenas do Leste do Brasil; comparação entre línguas extintas; koropó e puri; famílias maxakali, kamakã, krenak e jê.

“This family [Macro-Jê], of all the South American families, is the one most artificially constituted. It is the *caput mortuum* of South American linguistics. Its careful and complete revision, on truly scientific grounds, is imperative” (Rivet, 1924, p. 697)

0. INTRODUÇÃO

Dividimos nosso artigo em cinco seções. Na primeira, iniciamos nosso trabalho revendo a posição da língua koropó, apresentando argumentos linguísticos e geográficos que, a nosso ver, permitem desvincular o koropó da família puri, denominada neste artigo puri-coroado. Em seguida, comentamos em detalhe o espaço territorial puri-coroado (seção 2), antes de argumentar contra a inclusão desse grupo dentro do macro-jê (seção 3). Na seção 4, propomos uma classificação interna da família maxakali, inserindo nela o koropó, o pataxó e o malali. A última parte do artigo gira em torno dos grupos maxakali, kamakã, jê e krenak, e do tipo de relação linguística que esses grupos teriam entre si. Sugerimos uma provável conexão genética entre o kamakã e o maxakali, sem descartar - sobretudo para o krenak - uma adoção maciça de traços linguísticos (empréstimos) que teria sido paralela a contatos interétnicos intensos (seção 5). Três anexos completam o artigo: uma classificação das línguas indígenas do Leste brasileiro (anexo I), uma lista de palavras da família maxakali (anexo II) e outra da família kamakã (anexo III).



GRUPOS INDÍGENAS DO CENTRO-LESTE BRASILEIRO (SÉCULO XVII)

1. O KOROPÓ: UMA LÍNGUA MAXAKALI

Em sua classificação das línguas da América do Sul, Mason (1950, p. 298) considera a posição da língua koropó como incerta e polêmica: Rivet (1924, p. 698) inclui essa língua extinta dentro da família maxakali, mas Loukotka (1937, 1968, pp. 66-68) a considera afiliada à família puri-coroado. Em seu mapa etno-histórico (1987), Nimuendajú aceita a proposta de Loukotka. A partir dos dois únicos vocabulários koropó disponíveis, Mason realiza uma comparação dessas línguas, observando um bom número de semelhanças lexicais entre o koropó e as línguas maxakali, mas um pouco menos entre o koropó e o puri-coroado. Por cautela, Mason sugere então que o koropó deve ser tratado como língua independente.

Se Mason tivesse observado a localização geográfica dos koropó¹ em um mapa, talvez não teria dado a essa língua o estatuto de “língua independente” e - muito provavelmente - teria desvinculado o koropó da família puri-coroado. Nesta seção, depois de examinar as duas listas de palavras koropó que dispomos, concluiremos que o koropó é improvavelmente afiliado ao puri-coroado, mas que ele tem todos os requisitos para ser uma língua da família maxakali.

Na próxima seção, estudaremos em detalhe a localização e a história dos puri-coroado entre os séculos XVI e XIX. No entanto, sugerimos que já agora a leitura seja acompanhada da consulta cuidadosa do mapa postado acima. Os koropó viviam bem no coração do mundo puri-coroado: eles moravam no rio Pomba, afluente do rio Paraíba do sul, na divisa entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Os dois vocabulários koropó que dispomos foram elaborados por Eschwege e Schott no começo do século XIX próximo de São João do Presídio (hoje Visconde do Rio Branco), na Zona da Mata mineira, perto do rio Pomba. A lista de palavras de Eschwege e a de Schott serão doravante abreviadas em (E) e (S):

(E) Lista de Eschwege (2002, pp. 122-127) Elaborada em 1815: 127 palavras.

(S) Lista de Schott (1822, pp. 48-51) Elaborada em 1818: 55 palavras.

Além dessas listas, Loukotka (1937, p. 160) apresenta uma terceira que Martius teria coletado em 1818. Na realidade, a lista que encontramos no glossário de Martius (1863, pp. 167-169) é uma compilação incompleta da lista de Eschwege (108 palavras em vez de 127). De fato, a “lista de Martius” é idêntica à de Eschwege, até na divisão silábica, nos erros tipográficos e em outros pequenos pormenores! Por exemplo, o leitor pode conferir:

	KOROPÓ de ESCHWEGE (1815)	“KOROPÓ de MARTIUS” (1818)		KOROPÓ de ESCHWEGE (1815)	“KOROPÓ de MARTIUS” (1818)
Árvore	mai-man-krôá	mai-man-kroá	Vós	jang-yaúme	jang-yaúme
Relâmpago	té-pu-po-ne	te-pu-po-ne	Alto	pe-éóá	pe-éóá

E assim ocorre com toda a lista de mais de 100 palavras! Não temos como saber por que Loukotka não percebeu que Martius recopiou a lista de Eschwege de 1815. Martius chegou ao Brasil em 1817 (dois anos depois de Eschwege ter compilado sua lista) e visitou os koropó em 1818, anotando com honestidade em seus apontamentos (Spix & Martius, 1981, vol.1, p. 226):

Estudar a sua linguagem [a dos koropó] **foi-nos impossível**, apesar de todas as tentativas, tanto pela sua invencível timidez como pela falta de um intérprete prático.

Obviamente, Eschwege emprestou sua lista a seu amigo Martius, antes ou depois da viagem deste último aos koropó. Por motivos que somente Martius poderia explicar, consciente ou inconscientemente, ele omitiu que o autor do seu glossário era Eschwege nem disse que a lista de palavras da língua koropó não foi elaborada por ele. E, por incrível que pareça, essa omissão do “pai da botânica brasileira” passou despercebida por Loukotka!

¹ Tendo em vista a omissão da Academia Brasileira de Letras quanto ao uso de maiúsculas ou minúsculas para nomes de povos indígenas, adotaremos - neste artigo - apenas o uso de minúsculas.

Retornamos agora às duas únicas listas de koropó. Podemos dividi-las em três partes: as palavras koropó parecidas com o puri-coroado (1), as palavras parecidas com a família maxakali (2) e as que não conseguimos classificar (3).

1.1 Achamos 36 palavras da língua koropó parecidas com o puri-coroado. Para o puri, temos:

- (M) Lista de Martius (1863, pp. 194-195) Elaborada em 1818.
 (E) Lista de Eschwege (2002, pp. 122-127) Elaborada em 1815.
 (T) Lista de Torreção (1889, pp. 511-513) Elaborada em 1885.

E para o coroadado, temos:

- (M) Lista de Martius (1863, pp. 195-198) Elaborada em 1818.
 (E) Lista de Eschwege (2002, pp. 122-127) Elaborada em 1815.
 (Mar) Lista de Marlière (Martius, 1889, pp. 198-207) Elaborada entre 1817 e 1819.
 (SH) Lista de Saint-Hilaire (2000, p. 33) Elaborada em 1816.

Optamos pela seguinte ordem de exposição: partes do corpo, parentesco, elementos da natureza, animais e plantas, adjetivos, verbos, advérbios, pronomes pessoais. Usamos três traços (---) quando o puri ou o coroadado não tem forma semelhante ao koropó, e três pontos de interrogação (???) quando ignoramos a forma correspondente em puri ou em coroadado:

	KOROPÓ	PURI	COROADO
1. testa / forehead	pole (E)	poreh (M), poreh (T)	po(h)ré (M/E)
2. olho / eye	uálim (E), kuarip (S)	mirih (M), mri (T)	mere(ng) / merim (M/E), m(e)rim (Mar), murim (SH)
3. boca / mouth	tforé (E)	foreh (M), tforé (T)	tforé (M/E), tforé (Mar), tfori (SH)
4. língua / tongue	tupé (E)	toppeh (T)	tobeh (M), tompe (E), topé (Mar), tão (SH)
5. pé / foot (= mão)	tjambrim (E)	fabre-ra (M), fapêprê-ra (T)	jaru / t'japerré (M), tjaperre (Mar), zupare-wan (SH)
6. mão / hand (= pé)	(t)jambri(m) (E), jambrip (S)	fabre-ra (M), fapepre-ra (T)	japerre (M), tjopré / japaré (E), tjaperre (Mar), zuparé (SH)
7. braço ¹ / arm ¹	kakó-ra (E)	kokoh-ra (M)	kakó-ra (M/E), kako-ra (Mar)
8. braço ² / arm ²	patfárn <i>dedo</i> (E)	---	pat (Mar/SH)
9. peito / chest	puará (S)	puiltha (M)	puira (M), puará (Mar)
10. homem / man	goai-m-an (E)	guaé-ma (M), kuai-ma (E)	guai-ma / kwei-man (M), kuai-ma (E), koai-ma (Mar), kuai-man (SH)
11. mulher / woman	boë-m-an (E)	mbai-ma (M), boë-mann (E), mbl'ê-ma (T)	boj-man / bai-man (M), beh-ma (E), boj-man (Mar), boi-man (SH)
12. mãe / mother	aján (S)	ajam (E), ipán (T)	jaman (M), ajan (E), jaman / ajan (Mar)
13. criança / child	fapô-ma (E)	---	fapo-ma (M/E), fapó-ma (Mar), spo-na (SH)
14. irmão / brother	e-fatai (E)	maka-fajtane (E), fahtâm' (T)	moka-fatane (E), tjataj (Mar)
15. gato / cat	fapé (E)	???	fapi (E/Mar)
16. tronco / trunk	mà(-)pran-lin(m) (E)	---	[bó-] prranny (E)
17. folha / leaf	tfuptfé (S)	djop'leh (T)	tjopé (M), tjopé / tfupan (Mar)
18. raiz / root	[memp-] finta (E)	???	[bo-] kinta (E)
19. erva / grass	fapúko (E)	spangwéh (M), fapúko (E), fipampeh (T)	sapakoh (M), fapuko (E)
20. estrela / star	djuri (E)	thiuhli (M), fúri (T)	jurih (M), poundóri (E)
21. vento / wind	naran-djota (E)	nam-djota (E)	nan-djota (E)
22. areia / sand	küi-füi (E)	gavi-ly (E)	küi-füi (E)
23. serra / mountain	pré (E)	pré (E)	pré (M), pré (E), pré (Mar)
24. noite / night	merindan (E)	mirribauana (M), ta-mari-popam (E), mripôn (T)	miribuang / mari pawanta (M), ta-mari-ponhan (E), mari pawanta (Mar)
25. álcool / alcohol	uanitim (E)	---	ohanité (E)

26. bom / good	teran-kâ (E)	---	tanne (M), tenne-ka (E), tanne (Mar)
27. grande / big	hereu (E)	---	heren-ma (M), hereu-ma (E), heren-ma (Mar)
28. preto / black	uanán (S)	beungana (M), pewôno (T)	uanán (Mar)
29. vermelho / red	mukeru-ru (E), alukruru-ma (S)	---	mukeru-ru (E), mukruru-ma (Mar)
30. amarelo / yellow	tfaitaká-ma (S)	---	tfateka-na (M), tfaitaka-ma (Mar)
31. dar / to give	[ga-] pû (E)	pu (M)	pô (E), [ga-] pu (Mar)
32. cantar / to sing	[ga-] ngré (E)	---	g(w)eré (E), [ga-] ngre (Mar)
33. aqui / here	kráh (E)	???	kará (E), gra (Mar)
34. amanhã / tomorrow	herinante (E)	???	herinanta (M), herinante (E), herinanta (Mar)
35. três / three	pate-pa-kon (E), pata-pa-kun (S)	???	pata-pa-kun (M), pata-pa-kon (E)
36. tu / thou	ga- (E)	---	ga- (M/E), (a)nga / ga- (Mar)

Examinando as 36 palavras, pode-se observar que:

1) As palavras koropó são muito semelhantes às suas correspondentes puri e coroado, e ainda mais próximas do coroado por questões geográficas. Os koropó viviam no rio Pomba e os coroado no rio Xipoto, afluente do rio Pomba. Eram, portanto, povos vizinhos, casavam-se entre si e se juntavam às missões capuchinhas do baixo rio Paraíba.

2) Excetuando-se alguns termos que talvez não sejam cognatos nem empréstimos, e avaliando as grafias usadas pelos naturalistas estrangeiros em uma época em que não havia normalização fonética, as palavras koropó e puri-coroado são até mais que semelhantes: são na realidade **idênticas**. Confirmamos, por exemplo, as palavras para “vermelho” (29), “amarelo” (30) e “três” (35): mesmo sendo palavras polissilábicas (quatro sílabas), são idênticas. Essa identidade das formas implica dizer que não é possível encontrar nenhuma regra de correspondência fônica entre o koropó e o puri-coroado. Dessa ausência de correspondências fônicas, decorrente da identidade formal entre as palavras, concluímos necessariamente que:

- ou o koropó é igual ou quase igual ao puri-coroado ;

- ou a maioria dessas 36 palavras koropó são termos adotados do puri-coroado (empréstimos).

Deste ponto de vista, a conclusão a que Loukotka chegou carece de logicidade. Com efeito, para Loukotka (1937), o koropó pertenceria à família puri-coroado como parente mais distante dentro desta família. Se esse fosse o caso, deveria haver formas semelhantes, e não idênticas, com regras de correspondência que comprovassem essa distância linguística.²

1.2 Encontramos 43 palavras koropó parecidas com línguas da família maxakali. Para o maxakali moderno, usamos as seguintes listas:

(M) Dicionário maxakali (Popovich & Popovich, 2004)

(Mo) Monaxobm (Loukotka, 1963, pp. 30-31)

(H) †Pataxó-Hãhãhãe (Meader, 1978, pp. 45-50 ; Loukotka, 1963, pp. 32-33)

Para o maxakali do século XIX, utilizamos as seguintes listas:

(M) †Mashacari (Saint-Hilaire, 2000, p. 274 ; Wied, 1989, pp. 509-510)

[1816-1817]

(K) †Kapoxó (Martius, 1863, pp. 170-172)

[1818]

(Mo) †Monoxó (Saint-Hilaire, 2000, p. 181)

[1817]

(Mak) †Makoni (Saint-Hilaire, 2000, p. 212 ; Martius, 1863, pp. 173-176 ; Wied, 1989, pp. 512-513)

[1816-1818]

(Mal) †Malali (Saint-Hilaire, 2000, p. 181 ; Martius, 1863, pp. 207-208 ; Wied, 1989, pp. 511-512)

[1816-1818]

² Na trilha aberta por Loukotka, Silva Neto (2007, pp. 39-41) fornece 21 “cognatos” entre o koropó e o puri-coroado, sem estabelecer ou propor NENHUMA regra de correspondência fônica, evidentemente porque os 21 “cognatos” são idênticos em koropó e em puri-coroado. Então? Cognatos ou empréstimos?

	KOROPÓ	MAXAKALI MODERNO Maxakali (M), Monaxobm (Mo), †Hãhãhãe (H)	MAXAKALI (séc. XIX) †Machacari (M), †Kapoxó (K), †Monoxó (Mo), †Makoni (Mak), †Malali (Mal), †Pataxó (P)
1. cabeça / head	pitaô (E), [i-] bdaij (S)	pitoⁱ (M), ptowe (Mo), ɓakoⁱ / makohaj (H)	mtop (M), patap (K), toi (Mo), potoi (Mak), patoj (P)
2. cabelo / hair	[i-] tje (E), [tip-] tje pena (S)	tje (M), tje (H)	sekô (Mal)
3. olho / eye	uá-lim (E), kua-rip (S)	guá / ?wa (H)	gué (M), ngué (Mo), ngué (P)
4. dente / teeth	fó-rim (E), fo-rign (S)	tfoⁱ (M), tjowe (Mo), t^hui (H)	tsooi (M), juoj (K), tfooi (Mo), tfoi (Mak)
5. pena / feather	mam (E)	jī-māŋ asa (M)	ning-mang asa (Mak)
6. garganta / throat	tjitá-ne (E)	tjit-kotf [kotf <i>buraco</i>] (M), tjipaj (H)	
7. teta / breast	tjok-tadn (S), en-djok- tan-e leite (E)	tjok-tat, tjok-hep (M)	tsik-tan (M), je-ta (K), fie-tah (Mak)
8. coração / heart	e-kké (E)	kī-nāj / ki-tja (M)	kepá (M/K), kifa (Mak), kejo (Mal)
9. sangue / blood	i-ku (E)	---	käng (M), käng (K), küm / kö (Mak), kemje (Mal), ghâm (P)
10. carne / meat	e-peine (E)	jīn (M), xim (H)	tiun-gin (M/K/Mak), junié (Mal), uniin (P)
11. pele / skin	[tjamnak-] dsai (S)	tjaⁱ (M), [tjok-] tjadⁱ (H)	jaⁱ (K), [to-] tjaⁱ (Mak), tjaⁱ (Mal)
12. pai / father	ekta (E), ektap (S)	ã-tak (M), ẽŋka (H)	tatang (Mak)
13. mãe / mother	e-ktan (E)	tít (M), ã-ŋkaⁱ (H)	totjo (Mak), a-te (Mal), a-tön (P)
14. filho / son	e-kton (E), e-ktop (S)	ĩŋ-kítok meu filho (M)	a-ttoh (K), kuto (Mak)
15. ave / bird	tignam (E)	pitijnāŋ (M), pitijnã (Mo), pekajnáo (H)	petoignang (Mak), poignan (Mal)
16. ovo / egg	téme (E)	tjik (M)	tím (M), tin (Mak), tieng (P)
17. cobra / snake	kanján (S)	kājã (M), kaniá (Mo), ?ãŋgã (H)	jan (Mo), kapa (Mak)
18. árvore / tree	memp (E), mebn (S)	mīm / mīp (M), mihim (Mo), mī (H)	me (Mal), mip (P)
19. fruta / fruit	[memp-] tâ (E)	[mīp-] ta (M), [mī-] ka / kahab (H)	[mit-] ta (Mak)
20. mandioca / manioc	kôhn [ko:n] (E)	ko:ⁱ (M), kohóa (Mo), ?uhūⁱ (H)	koon (M), kohom (P)
21. cuia / gourd	tufaj (E)	tot (M)	totsá (P)
22. água - chuva / water – rain	teip água/chuva (E)	teⁱ (M), kεε (H)	tiainə (Mo), thek (Mak), tieng (P)
23. rio / river	kuang (E)	kōnāŋ (M), konaã (Mo)	kunaan (M), kunaan (K), konaham (Mo), kunaang (Mak)
24. casa / house	fé(u)h-me (E)	---	zeó (Mal)
25. terra / ground	háme (E)	hām (M), haham (Mo), haham (H)	aam (K), (h)aam (Mak), am (Mal), aham (P)
26. fogo - lenha / fire – firewood	ké (E)	ki (M), ki (Mo)	ke (M), ke (K), ki (Mo), ki (Mak), koiá (Mal), kôa (P)
27. corda / rope	(d)fidn (S)	tjit (M)	---
28. flecha / arrow	pahn (E), padn (S)	poⁱ (M), pohoj (Mo), pohojn (H)	pahan (M), paan (Mak), poi (Mal), pohoj (P)
29. machado / ax	kfuin(g) (E), gkuagn (S)	kípik (M), kepac^s (Mo)	kafü (P)
30. frio / cold	i-fek-táme (E)	tjap (M)	jae-me (M), i-fiohm / jaam (Mak), tjaap-taŋ-maŋ (P)
31. branco / white	kat-tá (E), gathá-ma (S)	---	kattai-pah (Mak)
32. preto / black	tjak-tabn (S)	tjok-tap preto [tjok <i>coisa, tap preto</i>] (M), ab- kahai (H)	taú (K), [ap]-tom (Malali), ab-tam-ma (Makoni)
33. escuro / dark	auem (E)	ãmnij (M), aguí (H)	
34. beber / to drink	sóme (E), [eina-] fóp [- ta] (S)	tfo(ʔo)p (M), tfoob (Mo), tfohob (H)	tjum (M), feau (K), tjam (Mo), foohm (Mak)

35. comer / to eat	[mank-] fin [-a] (E), [mupad-] fi (S)	(man) tfit (M)	rfin (Mo), fill (Mak), sit (Mal)
36. dormir / to sleep	mammom (E)	mōjōn / mōhōn (M)	monon (M), monó (K), monón (Mo), mopung / mounon (Mak), māhonó (Mal), mohon (P)
37. dor / pain	ek-tfuman (E)	tʃɪ ¹ (M)	afimin (K), aktfopetam (P)
38. esconder / to hide	ɲap-tóme (E)	tʃap-top (M)	ja-tome (K)
39. hoje / today	hohra (E)	hōnhā (M)	ohna ⁿ (Mak)
40. eu / I	eip / e- / ekta (E)	ĩŋ / ã (M), ã- (H)	i- (M), ai (Mak)
41. meu / mine	eip-jupún (S)	(ĩŋ-) jōŋ (M)	nio (P)
42. nós / we	eip-mam / eip-mann (E), eip-mun (S)	ĩŋ-mĩŋ / ĩŋmĩŋ-ã (M)	i-man (K), ai-tfom (Mo)
43. vós / you	jang-yaúme / jang-man (E)	jĩmĩŋ <i>nós [inclusivo]</i>	---

Até este momento, chegamos à mesma conclusão que Mason: o koropó se pareceria um pouco mais com o maxakali que com o puri-coroado. Neste caso, o koropó seria uma língua mista. É possível observar também que até no seu vocabulário básico (partes do corpo, verbos, adjetivos), o koropó mostra uma mescla entre o puri-coroado e o maxakali. Já em relação aos pronomes pessoais, eles se parecem mais com o maxakali. Há também um certo número de palavras compostas híbridas, em que o primeiro termo é maxakali e o segundo é puri-coroado, como em: **memp-finta** [lit. “árvore-raiz”] *raiz*, **mebn-dai** [lit. “árvore-muito”] *floresta*, **ekto-boëm** [lit. “filho-fêmea”] *filha* etc.

Nessas condições, estaríamos diante de uma situação extremamente artificial, como a encontrada em línguas em via de extinção em que os falantes misturam sua língua materna, em processo de desaparecimento, com a língua dominante. Nestes casos, o grau de mescla pode variar de um falante para outro. É essa impressão que nos passam os dados linguísticos examinados, ou seja:

- das **36** palavras parecidas com o koropó, **31** são de Eschwege (E) e somente **9** são de Schott (S), e, frequentemente, não são as mesmas ;
- das **43** palavras parecidas com a família maxakali, **37** são de (E) e **19** são de (S).

Temos impressão de que o koropó de Schott era um pouco “mais” maxakali que o koropó de Eschwege. Eschwege e Schott trabalharam suas listas com informantes koropó que falavam um tanto diferentemente, e que acabavam pronunciando certas palavras puri-coroado quando se esqueciam das de sua língua materna... se é que os informantes koropó não abusaram da credulidade de Eschwege e de Schott! Neste último caso, a interpretação mais natural é que grande parte dos falantes koropó seria bilíngue, sendo o idioma puri-coroado a língua de prestígio nas missões capuchinhas do rio Paraíba. Por exemplo, Wied (1989, p. 104), que passou alguns dias na missão capuchinha de São Fidélis, sem ter conhecimento proficiente das línguas koropó e puri-coroado, notou:

As línguas dos Coroados e Coropós são em extremo parecidas, e ambos, na sua maior parte, compreendem os Puris. Nosso jovem koropó, Francisco, falava todas elas.

Em contrapartida, Marlière, diretor geral dos índios em Minas Gerais, francês ao serviço de Portugal e do Brasil, dedicou - desde 1813 - longos anos à civilização dos puri, antes de se ocupar dos botocudo. Eis o que ele disse em uma carta endereçada a Saint-Hilaire, datada de 1824 (Marlière, 1906, p. 520):

Os Coropos habitantes do Rio Pomba, cuja língua difere singularmente de todas as demais...

Vale a pena ressaltar que Marlière falava puri. Esse fato nos é mencionado por Eschwege quando, em certa ocasião, Marlière se dirigiu a um grupo de caçadores puri falando na língua deles (Eschwege, 2002, p. 91). E quando Marlière disse que o koropó era diferente das outras línguas, ele simplesmente quis dizer que o koropó era diferente dos idiomas que ele conhecia

bem (como o puri e o botocudo), mas isso não exclui que o koropó pode ser semelhante a línguas desconhecidas por ele, como o maxakali.

Mas, afinal, qual seria essa língua materna dos koropó? Seria o puri-coroado, uma língua da família maxakali, ou um idioma de outra família? A língua materna de um povo ou de uma pessoa que mistura duas línguas não pode ser aquela que se fala onde esse povo ou essa pessoa vive. Da mesma forma, a língua materna dos koropó **não** podia ser aquela que eles escutavam nos lugares em que viviam, i.e., nos arredores do rio Pomba, no coração do mundo puri-coroado (cf. mapa), não podia ser o puri-coroado. Se esse fosse o caso, como os koropó teriam incluído no seu repertório linguístico tantas palavras maxakali? O mapa mostra claramente que os koropó viviam longe dos povos maxakali e, portanto, não mantinham contatos, nem superficiais, com eles. Viviam outros povos entre eles, próximo ao rio Doce, que os separavam, conhecidos na época como botocudo.

1.3 Até aqui, mostramos que é altamente improvável que o koropó pertença ao grupo puri-coroado por conta de sua posição geográfica (inserção no território puri-coroado) e pelo fato de que boa parte de seu léxico pertence à família maxakali, família linguística falada longe das terras koropó. Por outro lado, é bem possível que os koropó, que viviam com seus parentes maxakali entre o rio Doce e o rio Jequitinhonha, por uma razão, decidiram afastar-se desse seu núcleo parental e, atravessando o rio Doce, foram incorporar-se aos puri e aos coroados. Se nossa hipótese estiver correta, ela mostra que Rivet tinha razão ao classificar o koropó como língua da família maxakali. Para isso, porém, é necessário ainda examinar o último terço das listas koropó:

	KOROPÓ	COMENTÁRIOS
Orelha - chifre / ear - horn	kó(h)lim (E), kohrip (S)	---
Nariz / nose	řirong (E)	tři-přp / řri-koř / řri-kap / řri-hř (Maxakali)
Cão / dog	tsoktóme (E)	třok animal (Maxakali)
Porco / pig	tekenam (E)	tratketřn (Makoni)
Tabaco / tobacco	aptřip (E)	abtřiahm (Makoni), abtřip [= “fumaça”] (Coroados)
Serrote / saw	kmeb-kandi-třina (S)	kmeb madeira (Maxakali). Em coroados: třina nominalizador (?)
Ir / to go	[gá-] mu (E), [nem-] mou (E)	mun(g) (Puri-Coroado), mõŋ (Maxakali)
Mordida de cão / dog bite	urup-tone (E)	přitop morder (Maxakali)
Eles / they	uam-třone (E)	třop plural (Maxakali)
Sim / yes	řa (E)	Eschwege (2002, p. 124): “como em alemão”!
Não / no	tři nada (E), brok (S)	-ok (Maxakali)
Deus / god	tupã (E), tophún (S)	[< Língua Brasileira (tupi): tupã]
Diabo / devil	řnjaüran (S)	[< Língua Brasileira (tupi): řpanguera ; Cf. řawuera (coroados)]
Homem branco / white man	kraiobn (S)	[< Língua Brasileira (tupi): řaraiwa] ; Cf. řrajó (coroados)]

Neste último terço das listas koropó, há também palavras que não conseguimos comentar:

Polegar / thumb	třambrin-kriúna (S)
Barriga / belly	i-třin (E)
Animal / animal	orug (E)
Galinha / hen	třefuame (E)
Arara / macaw	kakáp (S)
Peixe / fish	herang (E)
Barata / cockroach	ngrinngrin (S)
Milho / maize	třumnam (E)
Bambu / bamboo	koxhégn (S)

Muito / many	anguim (E), řpajņje (S)
Em cima - alto / high	pe-eôá / pê-wa (E)
Em baixo / below	auwé (E)
Pequeno / small	tupa-pã (E)
Profundo - baixo / deep - low	doê-papa (E)
Verdadeiro / true	řserupun (S)
Amar (gostar) / to love	neka-ni-toř / neka-ni-teu (E)
Depressa! / be quick!	[ga-] hoř [-pã] / [ga-] boř [-pã] (E), [gá-] uř cuidado! , olhe! (E)
Devagar / slowly	pam-me-pã (E)

Sol / sun	nascé-un (E)
Luz / light	po-sêem (E)
Lua / moon	nascê (E)
Raio / lightning	te-pu-po-ne (E)
Pedra / stone	nam (E)
Alma / soul	oõtame (E)
Arco / bow	oksoj (E), kokfajp / kokfai (S)
Cera / wax	bakidsäi (S)
Faca / knife	tfitfajgn(a) (E)
Quente, caldo? / hot, stock?	ualip hon (E)
Mau / bad	tore-ká (E)

Falar / to speak	[eija] hignbá (S)
Fome (ter) / hungry (to be)	mak-bap-kruan (S)
Morrer / to die	ninguim (E)
Vir / to come	[gá-] nam (E)
Vida / life	eri-in-mahon (E)
Ontem / yesterday	kaja (E)
Tu / thou	nime (E), nen / nek (S)
Ele / he	mam (E)
Onde? / where?	(h)uá (E)
1	mam (E), ipáip (S)
2	gringrim (E), alinkrin (S)

Nessa última sublista, encontramos poucos termos básicos (como “orelha”, “sol”, “lua”, “pedra”) e algumas outras palavras que não conseguimos relacionar com algum idioma. Certas palavras poderiam ser maxakali ou puri-coroado; são poucos os empréstimos do tupi-guarani. Em vista disso, podemos propor outra hipótese, embora, sabemos de antemão, seja muito improvável: o koropó era uma língua isolada cujos substratos se encontram nesta última sublista. O povo que a falava, por alguma razão, foi viver com os maxakali e, durante essa convivência, o superestrato maxakali exerceu forte influência. Num outro momento de sua história, por alguma razão, os koropó se afastaram também dos maxakali e foram viver com os puri-coroado, que também exerceram forte influência lexical: novo idioma, novas importações massivas de palavras!

Apesar dessa possibilidade, a hipótese do koropó ser incluído na família maxakali é mais razoável. Na quarta seção deste artigo, compararemos o koropó com as outras línguas maxakali e tentaremos classificar os idiomas maxakali. Mas antes de efetuar essa comparação, vamos repensar e redefinir o puri-coroado, independente do koropó. Uma vez retirado o koropó, a que tipo de línguas podemos associar o puri e o coroadó?

Antes de estudar as afinidades linguísticas do puri-coroado, tentaremos situar esse grupo no espaço e retrazar a história das diversas tribos que o compunham. Esse trabalho preliminar torna-se necessário e essencial em vista das numerosas contribuições que a Arqueologia e a História têm feito nesses últimos anos acerca da história dos puri durante o período colonial.

2. O ESPAÇO PURI-COROADO

Tudo parece indicar que o território puri-coroado estendia-se de forma contínua ao longo de toda a Serra da Mantiqueira: do estado de São Paulo no sudoeste até o rio Doce no nordeste. Incluía, portanto, os estados de São Paulo (alto rio Paraíba), Rio de Janeiro (região de “Campo Alegre”: entre o rio Paraíba e o rio Preto, na divisa com São Paulo e o Rio de Janeiro até Três Rios), Minas Gerais (do rio Peixe, afluente do rio Paraíba até o médio rio Doce) e Espírito Santo.

O corsário Knivet (1906, pp. 197-199, 204-205, 210-211, 256) forneceu informações valiosas sobre os puri de São Paulo em fins do século XVI. Feito prisioneiro pelos portugueses no Rio de Janeiro, Knivet serviu de intermediário e de intérprete entre os índios e os portugueses. Ele visitava frequentemente os puri do alto Paraíba. Conforme o autor, esses índios eram tapuyas, i.e., não pertenciam aos grupos tupi-guarani, como os tamoyo e os tupinambá do Rio de Janeiro; não eram canibais; baixos e pacíficos, alimentavam-se de pinhões e dormiam em redes pequenas.

Na outra extremidade do território puri, conforme Vasconcellos (1865, p. LI), os povos que dominavam o sertão entre Porto Seguro e o rio Doce, nos meados do século XVII, eram todos de *tapuyas*, *patachós*, *aturaris*, *puris*, *aimorés* e alguns outros. No fim do século XVII, o

bandeirante Antônio Rodrigues de Arzão subiu o rio Doce e foi o primeiro a encontrar ouro em Minas Gerais (Saint-Hilaire, 2000, p. 45). Ele também menciona os puri como moradores da região de Mariana.

Nos séculos XVIII e XIX, os puri eram também chamados de “coroados” pelos colonizadores, o que gerou uma considerável confusão na identificação das etnias dessa região. Em 1817, Martius encontrou em Areias, na divisa entre os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, uma aldeia de índios, constituída de indivíduos provenientes de diversas etnias, que, antes dos paulistas se apossarem da Serra do Mar, habitavam em toda a extensão de mata dessa região montanhosa (Spix & Martius, 1981, vol. 1, p. 119):

Não sabendo os Portugueses distingui-los uns dos outros, deram-lhes o nome de *Coroados*, porque eles costumam raspar o topo da cabeça, só deixando uma coroa de cabelo [...]. Atualmente, a sede dos Coroados é nas margens do Rio Pomba, um tributário do Paraíba [...]. Restos da mesma nação são também os que moram, juntos, na aldeia de Valença [...], entre o rio Paraíba e o rio Preto.

E justamente um ano antes, em 1816, Saint-Hilaire (2000, pp. 27-33) encontrou um grupo coroados no rio Bonito, um subafluente do Paraíba (perto de Valença, estado do Rio de Janeiro). Com a ajuda de alguns desses indígenas, elaborou um pequeno vocabulário mostrando que esses coroados falavam a língua puri. No entanto, Ayres de Cazal (1845, 2, p. 26) dá a esses mesmos índios, que moravam no começo do século XIX em Valença e em toda a região de Campo Alegre, o nome de puri³. Entre o rio Paraíba e o rio Preto, de Três Rios até a divisa com São Paulo (região de Campo Alegre), havia “puri” ou “coroados” em Valença, “coroados” nos arredores de Resende e “puri” em Queluz. No entanto, todos esses índios, nominados ora como puri ora como coroados, formavam um só grupo étnico e falavam uma só língua, o idioma que chamamos **puri-coroados**.

Havia também puri-coroados no rio Peixe, um afluente do Paraibuna, ao norte de Valença e do rio Preto. Conforme Eschwege (2002, p. 76), a primeira aproximação amistosa dos coroados e koropó ocorreu no sertão do rio Pomba e do rio Peixe em 1763. Esse mesmo cientista notou que os puri também chamavam aos coroados de puri e que eles se subdividiam em várias grupos que travavam guerras entre si (Eschwege, 2002, p. 90).

Enquanto os puri-coroados ocupavam todo o espaço entre Queluz (São Paulo) e o rio Doce, parece-nos que os koropó moravam somente no rio Pomba, um afluente do médio Paraíba, em extrema união com os seus vizinhos puri-coroados. Por causa dessa profunda amizade recíproca (Eschwege, 2002, p. 93), não é de estranhar que, nos séculos XVIII e XIX, os koropó foram muitas vezes confundidos com os coroados, estes às vezes considerados como o resultado do cruzamento dos koropós com os temíveis goitacás.

O breve repasse histórico-geográfico que acabamos de apresentar teve como propósito mostrar que o espaço ocupado pelos puri-coroados devia ser contínuo, ou seja, de São Paulo ao rio Doce. De modo particular, eles ocupavam também **todo o espaço entre o rio Preto e o rio Paraíba**, de Queluz ao Paraibuna⁴. No entanto, o mapa etno-histórico de Nimuendajú (1987) não mostra essa continuidade. Nesse mapa, os puri e os coroados aparecem em duas áreas descontínuas: uma no alto Paraíba até Queluz (estado de São Paulo), e outra do rio Pomba ao rio Doce (estado de Minas Gerais). No espaço intermédio, entre Queluz e o Paraibuna, há um vazio. Ao nosso ver, isso não se sustenta já que esse “espaço vazio” era certamente ocupado, na sua integralidade, de Queluz a Três Rios e a Barbacena, pelos puri-coroados. Embora tenha passado despercebida para Loukotka, Métraux e Nimuendajú, a comprovação dessa ocupação territorial contínua encontra-se no vocabulário de Saint-Hilaire, colhido, como vimos, por este

³ Ayres de Casal fala de *puri* cristianizados. Mas não o eram em 1800, quando o vice-rei incumbiu o fazendeiro de Pau-Grande (perto de Valença) de “proceder à civilização” dos índios coroados dessa região, que eram então considerados “índios selvagens” (Saint-Hilaire, 2000, p. 27).

⁴ “Espaço contínuo” não significa necessariamente que negamos a existência de outros grupos etnolinguísticos naquele espaço. Por exemplo, sabemos que, perto de Valença, viviam os *coroados puri* e os *coroados arary* (Ayres de Cazal, 1845, 2, p. 26), mas não sabemos qual era a língua desses *arary*.

pesquisador entre *os coroados do rio Bonito*, perto de Valença, exatamente no centro daquele suposto “vazio”. Loukotka (1937, p. 157) afirma que os coroados de Saint-Hilaire viviam “perto de Ubá, no estado de Minas Gerais”. No entanto, Saint Hilaire nunca passou por Ubá (Minas Gerais): seu pequeno vocabulário foi coletado no *Ribeirão de Ubá*, bem na margem do Paraíba, perto de Valença, no estado do Rio de Janeiro. Da mesma forma, Métraux (1963, p. 522) declara que os coroados viviam entre as serras de São Geraldo e da Onça, ou seja, no estado de Minas Gerais. Muito provavelmente, esses autores confundiram a cidade mineira de Ubá com um pequeno riacho fluminense em que Saint-Hilaire encontrou um grupo de coroados que vivia no rio Bonito, entre o rio Paraíba e o rio Preto.

O suposto “espaço vazio” encontrado no mapa de Nimuendajú levou muitos historiadores do século XX a desenvolver teorias um tanto inconsequentes. Entre elas:

1) A palavra “puri” seria um termo genérico, como “tapuya” ou “bugre”, utilizado para designar todos os grupos étnicos que viviam entre São Paulo e Espírito Santo. Com base na descontinuidade encontrada no mapa de Nimuendajú, a prudência levaria então a admitir a existência de pelo menos dois grupos étnicos conhecidos como puri!

2) A origem dos puri deve ser procurada em São Paulo. Forçados a migrar pelos bandeirantes paulistas, esses indígenas fugiram na direção do rio Doce (estado de Minas Gerais). Todavia, as informações que temos mostram que havia puri em Resende em 1780 e em Queluz em 1800. Isso significaria que parte dos puri que fugiram teriam retornado? Todavia, já se falava dos puri do rio Doce desde os meados do século XVII, antes do desabrochamento das bandeiras paulistas (Vasconcellos, 1865).

3) A origem dos puri deve ser procurada em Minas Gerais, na Zona da Mata central. No entanto, o padre Francisco das Chagas fundou Queluz em 1800, juntando índios puri que “ocupavam de tempos imemoriais seis léguas de mata [...] que nesta Capitania de São Paulo se acham entre a Serra da Mantiqueira e o rio Paraíba” (Lima, 1885, p. 72). Além disso, já se falava dos puri de São Paulo desde o século XVI (Knivet, 1906).

3. O PURI-COROADO: UMA LÍNGUA ISOLADA

Foi Mason (1950, p.287-288) que propôs, pela primeira vez, o termo *macro-jê*, para um conjunto de famílias cujas relações de parentesco estão longe de ser comprovadas, já que as semelhanças lexicais encontradas nelas podem ser ou não uma consequência de contatos e de empréstimos linguísticos. Nesse macro-jê virtual, Mason inclui o puri e o coroados.

Para comparar o puri e o coroados com outras línguas, examinamos detalhadamente três vocabulários puri e quatro vocabulários coroados, escolhendo somente as palavras que aparecem recorrentemente nessas listas lexicais, i.e., em pelo menos dois autores. Obtivemos assim **90 palavras** que provavelmente devem pertencer ao puri-coroados. Com dados tão reduzidos, não pudemos fazer nenhuma observação gramatical.

Não pudemos também deduzir - a partir do material que dispomos - nenhuma regra de correspondência fônica uma vez que a maioria dos termos é semelhante. As diferenças encontradas podem ser atribuídas a transferências do sistema fonético-fonológico dos pesquisadores daquela época, não acostumados a ouvir sons estranhos, para as anotações escritas que faziam. Na impossibilidade de estabelecermos regras de correspondências, tentamos em vão esclarecer as regras gráficas que aqueles pesquisadores se impuseram e não nos pareceu haver sistematicidade alguma. Nos vocabulários de Martius e de Marlière, por exemplo, há mistura de grafias portuguesas, italianas e alemãs. O uso de acentos e outros diacríticos (Û, Ú, Û, Ü, Vh) não vem acompanhado da devida explicação sobre os seus significados.

Para o puri, temos as seguintes listas:

(M) Lista de Martius (1863, pp. 194-195)

Elaborada em 1818 perto de São João do Presídio (hoje

- (E) Lista de Eschwege (2002, pp. 122-127)
 (T) Lista de Torrezão (1889, pp. 511-513)

Visconde do Rio Branco, Minas Gerais).

Elaborada em 1815 perto de São João do Presídio.
 Elaborada em 1885 em Abre-Campo (perto de Manhuaçu, Minas Gerais).

Para o coroadado, temos as seguintes listas:

- (M) Lista de Martius (1863, pp. 195-198) Elaborada em 1818 perto de São João do Presídio.
 (E) Lista de Eschwege (2002, pp. 122-127) Elaborada em 1815 perto de São João do Presídio.
 (Mar) Lista de Marlière (Martius, 1889, pp. 198-207) Elaborada em 1817-1819 nas missões do baixo Paraíba.
 (SH) Lista de Saint-Hilaire (2000, p. 33) Elaborada em 1816 perto de Valença (Rio de Janeiro)

	PURI	COROADO
1. cabeça / head	guèh (M), a-nguê (E), nguê (T)	gneh (M), gué (E), gué (Mar), ké (SH)
2. cabelo / hair	kê (T)	gué (M), gehû-kalté (E), gué (Mar)
3. testa / forehead	porèh (M), poreh (T)	pohré (M), pôré (E)
4. orelha / ear	bipihna (M)	pèuti / pepehna (M), penta / penenta (E), pepehna / penta (Mar)
5. olho / eye	mirih (M), mri (T)	mereng / merim (M), merin / meré (E), m(e)rim / mereng (Mar), murim (SH)
6. nariz / nose	ipi (M), ah-m'ni (T)	peng (M), né (E), pim (SH)
7. boca / mouth	forèh (M), tforé (T)	tforé / (t)forý (M), tforé (E), tfore (Mar), fori (SH)
8. dente / tooth	tfeh (M), u-tfé (T)	tfé (M), tfé (E), tfé (Mar)
9. língua / tongue	toppeh (T)	tobeh (M), tom-pé (E), topé (Mar), tão (SH)
10. pé / foot	fabrera (M), fapêprêra (T)	jaru / tfaperré (M), kakóra (E), t'faperré (Mar), zupare-wan (SH)
11. perna / leg	katèhra / tfàra-aüra (M), katehra (T)	in-tfara / sùbryeh (M), fará (E), in-tfara (Mar)
12. joelho / knee	tuonri (T)	thorin (Mar)
13. mão / hand	fabrera (M), faperré (E), fapeprera (T)	kokorre / faperré (M), fa-pré / tfopré / faparé (E), fapperre (Mar), zuparé / tupié (SH)
14. braço / arm	kokòhra (M), lakareh (T)	kakora / kakorre (M), kakóra (E), kakora / pat (Mar), pat (SH)
15. barriga / belly	tiking (M), tikim (T)	tengike (M), tè-kè (E)
16. pescoço / neck	thong (M)	tong (M), thon (E)
17. peito / chest	puiltha (M)	puira (M), puará (Mar)
18. seio / breast	mniatà (M), pamanta (E), pamantah (T)	mniamétta / rhamanta (M), pamanta (E)
19. sangue / blood	krim (E), ah-tl'im (T)	krim (E)
20. carne / meat	hanni-ké (E), arikê (T)	hanike (M), hanniké (E), haniké (Mar)
21. pele / skin	pèh (M), peh (T)	pe(h) (M), pé (E)
22. vagina / vagina	takkòh (M), tokoh (T)	tokòh (M)
23. pênis / penis	feng (M), a-fim (T)	seng (M)
24. flor / flower	[pou-] baina (M), pl'okeh / [pô-] pâna (T)	[po-] ponaim (M), [po-] ponaim (Mar)
25. folha / leaf	djop'leh (T)	tfopé (M), tfopè / tfupan (Mar)
26. fruta / fruit	mo-rkeh (M)	bo-arké (E)
27. ovo / egg	---	paki (M), pakké (E), poké (Mar)
28. homem / man	guaé-ma (M), kuai-ma (E), hakorre-ma (T)	guai-ma / kuei-man (M), kuai-ma (E), koai-ma (Mar), kuai-man (SH)
29. mulher / woman	mbai-ma (M), boë-mann (E), mbl'ê-ma (T)	aje / boj-man / bai-man (M), ajé (E), boj-man (Mar), boi-man (SH)
30. pai / father	attèh (M), ahré (E), faré (T)	hakré (E), hale / uaré (Mar), selæa (SH)
31. mãe / mother	títfeng (M), ajam (E), ipan (T)	paman (M), ajan (E), ajan / paman (Mar), jua (SH)
32. avô / grandfather	antah (T)	etta (E)
33. filho / son	fambé (E), fambé (T)	fambé (M), fambé (E), fambé (Mar), sme-jua (SH)
34. irmão / brother	femaung (M), maka-fajtane (E),	moka-fatane (E), tfataj-koain (Mar)

	fahtâm' (T)	
35. criança / child	herkuma ? (E)	fapoma (M), fá-poma (E), fapóma (Mar), spo-na (SH)
36. peixe / fish	namakê (T)	manaké (E), manaké (Mar)
37. pássaro / bird	fípú (T)	fíppú (M), fapu / fipou (E), fíppú (Mar), proono [= "inambu?"] (SH)
38. árvore / tree	u-mbòh (M), a-mbo (E), mpó (T)	a-mbòh (M), a-mbó / bon-daj (E), a-mbó (Mar), bó (SH)
39. sol / sun	poopê (E), oppeh (T)	obèh (M), hopé (E), obéh / opeh (Mar), kopé (SH)
40. luz / light	poteh [= "fogo"] (T)	putapé (E), putapé (Mar)
41. lua / moon	phethania (M), petahra (T)	petáhra (M), petah-ra (E), petáhra (Mar), pergran (SH)
42. estrela / star	thiùhli (M), melikô-na (E), fúri (T)	jurìh (M), poundóri (E)
43. raio / lightning	namam-preri (E)	paté-takuem (M), naman-purèri (E), paté-takuem (Mar)
44. tardinha / evening	tufahih / tufàra (M), tofora (E), tofá (T)	tatusaih / tafare (M), tefare (Mar)
45. água / water	mjamâ(ng) (M), m(u)jamâ (T)	mjamâ / naman (M), naman (E), naman (Mar), numan (SH)
46. vento / wind	nam-d'jota (E)	nan-d'jóta (E)
47. floresta / forest	mon-taj (M)	monteh-herkuma / bondaj (M), bondaj (E), bondaj / herkuma (Mar)
48. casa / casa	guàra / kuari (M), nguára (T)	guàra (M), goára (E)
49. pedra / stone	aldoa (E), uk'huá (T)	ùkah (M), hoka (E)
50. areia / sand	gavi-ly (E)	küi-füi (E)
51. terra / ground	guafèh (M), ufô (T)	of (M), wafé (E)
52. fogo / fire	poth(a)hèh (M), potê (E), poteh (T)	potè / putapé (M), pohê (E), poté (Mar), moté (SH)
53. montanha / mountain	prè-d'jekka (E)	prè (M), prè-hereu-ma (E), prè (Mar)
54. noite / night	mirribauana (M), tamaripopam (E), mripôn (T)	miribuang / mari pawanta / marim ponwan (M), tamari popan (E), mari pawanta / marim ponwan (Mar)
55. quente / hot	prehtôn (T)	préton (M), per-tton (E), préton (Mar)
56. frio / cold	namaitú (T)	namantá (M), namánta (E), namantá (Mar)
57. muito / muito	prika (Balbi)	pourika (M), apurika (E), pourika (Mar)
58. beber / to drink	ga-mbà (M), mba (T)	bá (M), mambá (E), (m)ba (Mar)
59. comer / to eat	majè / maji (M), majê (T)	gefeu (M), majé / anga-jé (E), majé (Mar)
60. fome / hungry	taim bôna (M), temembôno (T)	areteur bónum (M), areteur bónum (Mar)
61. morder / to bite	tjimurung (M), trjemurung (T)	murughi (E)
62. dormir / to sleep	thàra (M), katahra (T)	kapakari / tehré greme (M), matérra (E), téra / tehré (Mar)
63. morrer / to die	ndran (T)	tagrap-on (M), hétagran (E), tagrap-on (Mar)
64. matar / to kill	fambòhna (M), mopô (T)	ti-mopo (Mar)
65. ir / to go	mung (M), mum / mo (T)	mung (M), mou (E), mun (Mar)
66. dar / to give	[ung-] pu (M)	pô (E), pu (Mar)
67. dizer / to say	kojah (T)	kuajá (M), kuaja (Mar)
68. de pé / to stand	pl'euák (T)	preohá (M), preoha (Mar)
69. eu / I	ah (T)	maké / majaké (M), makê (E), ma(ja)ke (Mar)
70. tu / thou	dieh (T)	tekê (E), (a)nga (Mar)
71. nós / we	---	papike (E)
72. vós / you	---	tiké-teka (E)
73. anta / tapir	pennân (T)	painá (Mar)
74. porco / pig	sotan (T)	foran (E), foran (Mar)
75. onça / jaguar	pon-an (T)	panan (Mar)
76. macaco / monkey	tanguah (T)	tanguá (Mar)
77. bugio / howler monkey	tokeh (T)	toké (Mar)
78. jacu / guan	pittah (T)	tupita (E)
79. arara / macaw	matáre (E), djasvatahra (T)	patane (E), puturang (Mar)
80. abelha / bee	butan (T)	putàng (M)

81. mandioca / manioc	bihuh (M), veizuh (T)	bifu (E), bifú (Mar)
82. capim / grass	spanguéh (M), fapúko (E), fípamph (T)	sapakoh (M), fapú-ko (E)
83. milho / maize	maky (M), maki (T)	maheky (M), maki (E)
84. tabaco / tobacco	póke (M), pokeh (T)	abtʃign (M) [= “fumaça”], bok-ké (E), boké (Mar)
85. alma / soul	tutak (E)	tutak (E)
86. arco / bow	mirining (M), ohmrin (T)	mirinang / merinde (M), merindé / omerine (E), merinde / mripi (Mar)
87. corda / rope	pakeh (M), tumah (T)	paké (Mar)
88. flecha / arrow	obouug (M), aphon (T)	abòng / aphòn (M), ap-hon / apûm (E), pun / aphon (Mar)
89. machado / ax	guamaratèh (M)	gàmang / gamaran (M), kramman / kamanan (Mar)
90. panela / pan	pom (T)	popong (E), popan (Mar)

Desse conjunto de cognatos, haveria alguma diferença dialetal possível entre o puri e o coroadado? Eschwege, Marlière e outros viajantes já tinham notado que as línguas dos coroadado e a dos puri apresentam muitas semelhanças, a ponto de os dois povos ainda se entenderem (Eschwege, 2002, p. 101). Encontramos apenas uma diferença na palavra para “peixe” (36), mas, em puri, essa palavra aparece somente em uma lista, permitindo-nos supor que essa diferença poderia ser o fruto de um erro tipográfico.

E entre vários vocabulários puri, haveria alguma diferença dialetal? Haveria diversos dialetos puri? Pensamos que a pequena lista de 22 palavras puri de Saint-Hilaire poderia evidenciar algumas diferenças. Por exemplo:

(5) **murim** *olho* Nas outras listas: **miri(n)**

(9) **tão** *língua* Nas outras listas: **to(m)pe**

(45) **puman** *água* Nas outras listas: **paman**

Infelizmente, a lista de Saint-Hilaire é extremamente reduzida para podermos chegar a alguma conclusão.

Concluindo: nada nas listas comprova que haja, entre o puri e o coroadado, alguma diferença fônica recorrente ou alguma diferenciação lexical. Assim, a dialetologia puri-coroadado permanece por ora, pelo menos, fora de nosso alcance.

Vamos agora comparar a lista de 90 palavras com as famílias linguísticas mais próximas do espaço geográfico puri-coroadado: o maxakali, o kamakã, o tupinambá, o krenak (botocudo), o jê (xakriabá) etc.

Uma vez excluído o koropó do puri-coroadado, como vimos acima, voltamo-nos agora para o maxakali e descobrimos que o puri-coroadado e o maxakali não se parecem um com o outro: somente três palavras pertencendo ao vocabulário básico têm alguma semelhança formal (“cabelo”, “comer”, “andar”). Com material tão reduzido, nenhuma correspondência fônica pôde ser detectada. Tampouco se encontrou empréstimos nos léxicos zoológico e botânico:

	Maxakali	Puri-Coroadado		Maxakali	Puri-Coroadado
Cabelo	tʃe	ke / ge	Andar	mõŋ	mũg
Comer	tʃit	(ma)ʃe	Flecha	pohoj (Maxakali), pahan (Makoni)	(a)põg

O puri-coroadado também não se parece com o kamakã: somente duas palavras pertencendo ao vocabulário básico têm alguma semelhança formal (em kamakã: **ke** “cabelo”, **mãg** “andar”; em puri-coroadado: **ke** “cabelo”, **mũg** “andar”). Tampouco encontramos empréstimos no léxico zoológico e botânico (fora **ʃana** [kamakã] *ave* e **tʃana** [puri-coroadado] *jacu*).

As semelhanças entre o puri-coroadado e o krenak (botocudo) são também insuficientes para estabelecermos correspondências fônicas:

	Krenak	Puri-Coroado		Krenak	Puri-Coroado
Cabelo	ke	ke / ge	Matar	ampok	ʃampo(na), mopo
Carne	ɲik	hanike	Andar	mũ	mũg
Raiz	dʒitak	kinta	Palmeira	põtiak	potan
Luz	amot	pote	Machado	karak-ma	kramman
Água	mĩnan	(m)nama			

As semelhanças entre o puri-coroado e o kariri, ou entre o puri-coroado e o yatê, são ainda menores. Com o tupi-guarani, as semelhanças são poucas, não mais do que 6% do vocabulário básico:

	*Tupinambá	Puri-Coroado		*Tupinambá	Puri-Coroado
Boca	juru	ʃ-ore	Homem	akwaimaʔe	kwaima
Dente	ãj	ʃ-e	Chuva	aman	ɲaman
Peito	potiʔa	puira	Mandioca	^m beju <i>beiju</i>	biʃu [provável empréstimo tupi]
Pele	pir	pe			

As semelhanças entre a família jê e o puri-coroado são igualmente pequenas, não mais que 7% do vocabulário básico e, portanto, insuficientes para estabelecermos correspondências fônicas recorrentes (cf. a nossa proposta de classificação da família jê no anexo I). Rotulando (Ak) para akuwê, (Jê) para timbira-kayapó e (Ka) para kaingáng, temos:

	(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Puri-Coroado		(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Puri-Coroado
Cabelo	kĩ (Jê), -ki (Ka)	ke / ge	Sol, lua	pĩt / bədə (Ak/Jê), piri (Ingain)	petara
Nariz	-ĩja (Ak/Jê), -ĩjê (Ka)	neɲ / nĩ	Casa	warã (Ak), wãre (Ka)	gwara
Boca	-ad(a) (Ak/Jê), -ãt (Ka)	ʃfore	Andar	mõ (Ak/Jê), mũ (Ka)	mũ
Pé	par(a) (Ak/Jê), pën (Ka)	ʃapera	Cantar	krɛ (Ak/Jê), grɛn (Ka)	ãg(e)re
Pássaro	si (Ak), -ẽ-sĩ (Ka)	ʃipu	Machado	krã-mẽɲ (Jê), meg (Ka)	kramman

É tradição nos meios linguísticos, no entanto, que o puri-coroado é aparentado à família jê. Isso se deve, ao nosso ver, ao fato de que sempre se inclui o koropó nas listas comparativas puri-coroado e jê (Rodrigues, 1999, pp. 199-201). E era justamente o peso do koropó que aproximava o puri-coroado das línguas jê. Isso ocorre, por exemplo, com as palavras koropó **memp** “árvore”, **ʃop** “beber”, **teĩn** “chuva”, **eĩn** “eu”, que são na realidade palavras maxakali (Rodrigues & Cabral, 2007, pp. 176-178). Em outros termos, essas comparações mostravam tão somente que o koropó (maxakali), mas não o puri-coroado, tinha afinidades com as línguas jê!

Encontramos algumas poucas semelhanças entre o puri-coroado e a família jabuti (sobretudo o arikapu), mas sem o menor vestígio de correspondências fônicas:

	Jabuti	Puri-Coroado		Jabuti	Puri-Coroado
Cabeça + Cabelo	kai [arikapu]	ke / ge	Nariz	nĩnĩ-	ɲi
Boca	ʃarə [-i] [arikapu]	ʃfore	Peito	bə(ri)ka	puira
Pé	prai [arikapu]	ʃapre	Carne	nĩ	(h)anike

Tampouco encontramos semelhanças significativas entre o puri-coroado e as línguas das famílias pano, takana, chiquito, karajá, yanomami, tarumá, arawak, karib, tukano etc.

Resumindo: ao longo dessa seção, tentamos, sem sucesso, relacionar nossa lista de 90 palavras puri-coroado com várias famílias de línguas e nosso intento sempre fracassou. Nessas condições, deixemos esse debate em aberto e por ora julgamos mais prudente dar ao puri-coroado um estatuto de família independente ou, como se costuma dizer, de língua isolada⁵.

⁵ Concordamos plenamente com Campbell & Mithun (1979, p. 37) quando dizem: “Failing to group languages now leaves the option open for the future, while grouping in error may establish an unsubstantiable family which

4. A FAMÍLIA MAXAKALI: CLASSIFICAÇÃO INTERNA

Não conhecemos detalhadamente a delimitação do espaço territorial maxakali no início da colonização. A invasão, a destruição e a aniquilamento dos territórios maxakali pelos botocudo (krenak) e pelos bandeirantes paulistas começaram provavelmente nos meados do século XVIII. Já no começo do século XIX, os makoni, os panhame e outros grupos maxakali serviram os portugueses nas guerras contra os botocudo, sendo deslocados de um lugar para outro e, portanto, sem território definido (Eschwege, 2002, p. 84). O que sabemos é que, em 1734, os “machakari”, juntos com os “panhame”, os “kumanaxó” e os “kapoxó” (capuchos) foram vistos em grandes aldeamentos no alto Mucuri, perto da atual cidade de Teófilo Otoni (Minas Gerais). Quando Wied (1989, pp. 174-175) passou na foz do rio Mucuri em 1816, essas aldeias havia muito tempo não existiam mais.

Não temos levantamentos fonológicos ou gramaticais para a maioria dos idiomas extintos da família maxakali. Portanto, a classificação interna desta família depende basicamente de dados lexicais. Dos poucos dados maxakali disponíveis emergem imediatamente um certo número de “clades”, no dizer dos biólogos, ou subgrupos assim distribuídos:

- o **maxakali moderno** e o monaxobm de Nimuendajú (Loukotka, 1963, pp. 30-31), cujos falantes vivem no vale do Mucuri e nas cabeceiras do rio Itanhaém em Minas Gerais. A comparação lexical mostra que o maxakali moderno e o monaxobm são uma mesma língua.

- o **machacari antigo** (começo do século XIX), composto de vários clãs ou grupos rituais falando a mesma língua ou dialetos da mesma língua (†machacari, †monoxó, †makoni, †kapoxó, †kumanaxó, †panhame etc.), o idioma deles parecendo extinto. Antes da dispersão dos anos 1750, esses grupos viviam entre os cursos superiores dos rios Mucuri e São Mateus, possivelmente alcançando o Jequitinhonha ao norte e o Suaçuí Grande, afluente do rio Doce, ao sul. Depois de 1750, uma verdadeira diáspora, provavelmente provocada pelos botocudo, obrigou os machacari a procurar refúgio nos estabelecimentos portugueses: no litoral atlântico (da foz do rio Mucuri até o rio Itanhaém), no quartel de Alto dos Bois (perto de Minas Novas) e no quartel de Peçanha. Saint-Hilaire (2000, p. 170) relata que os monoxó viviam no Cuyaté (rio Doce, perto da foz do rio Suaçuí Grande), provavelmente em 1800, antes de buscar refúgio em Peçanha.

- o **†pataxó de Wied**, cujos falantes viviam entre o rio Mucuri e Porto Seguro, no sul da Bahia, pelo menos desde o começo do século XVII.

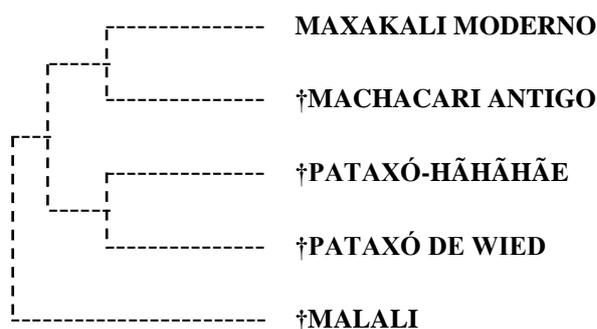
- o **†pataxó-hãhãhãe**, cujos falantes viviam do baixo rio Pardo até o rio de Contas, no sul da Bahia, pelo menos desde o começo do século XIX.

- o **†malali**, antigamente falado entre o Jequitinhonha, o Araçuaí e o Suaçuí Grande (Minas Gerais).

- o **†koropó**, cujos poucos falantes conviviam, no fim do século XVIII, com os puri-coroado no rio Pomba (Minas Gerais).

Há fortes evidências lexicais para a definição dos seis clades linguísticos acima mencionados. No entanto, como esses clades se combinam entre si para formar a família maxakali está longe de ser claro, já que a escassez de dados sobre línguas extintas nos impedem de encontrar dicotomias seguras. Portanto, a árvore maxakali apresentada abaixo (excluindo o koropó) está tudo menos segura e o leitor deve analisar as dicotomias propostas com muita cautela:

is then fed into further comparisons, multiplying errors elsewhere”. Possuímos um vasto acervo de dados lexicais que abrange a maioria das línguas indígenas da América do Sul. Esse banco de dados está à disposição de qualquer leitor que deseja aprofundar o assunto ou pôr à prova outras possíveis afiliações ou afinidades.



Para sustentar essa classificação, elaboramos uma lista de palavras maxakali que sejam cognatas com, pelo menos, dois dos cinco clades anteriores. Obtivemos assim uma lista de 130 palavras (cf. anexo II). Para as línguas extintas, utilizamos as seguintes listas:

- (M) †Machacari (Saint-Hilaire, 2000, p. 274 ; Wied, 1989, pp. 509-510) [1816-1817]
 (K) †Kapoxó, †Kumanaxó, †Panhame (Martius, 1863, pp. 170-172) [1818]
 (Mo) †Monoxó (Saint-Hilaire, 2000, p. 181) [1817]
 (Mak) †Makoni (Saint-Hilaire, 2000, p. 212 ; Martius, 1863, pp. 173-176 ; Wied, 1989, pp. 512-513) [1816-1818]
 (Mal) †Malali⁶ (Saint-Hilaire, 2000, p. 181 ; Martius, 1863, pp. 207-208 ; Wied, 1989, pp. 511-512) [1816-1818]
 (P) †Pataxó de Wied (Wied, 1989, pp. 510-511) [1816]
 (H) †Pataxó-Hãhãhãe (Meader, 1978, pp. 45-50 ; Loukotka, 1963, pp. 32-33 ; Silva & Rogrigues, 1982) [século XX]

4.1 No estudo realizado em 1939 por Nimuendajú (1958, p. 54), o autor notou que o maxakali ou monaxobm e o monoxó de Saint-Hilaire eram línguas aparentadas, mas não idênticas. Nosso estudo confirma que as modalidades históricas transcritas, no começo do século XIX, por Martius, Saint-Hilaire e Wied, sob os nomes de “machacari”, “kapoxó”, “monoxó”, “makuni” etc., de fato, não correspondem exatamente ao maxakali falado atualmente. Por exemplo, comparemos as diferenças entre o maxakali moderno e as modalidades extintas:

	MAXAKALI MODERNO	†MACHACARI (S.Hilaire, Weid)	†KAPOXÓ / †KUMANAXO / †PANHÁME (Martius)	†MONOXÓ (S.Hilaire)	†MAKONI (S.Hilaire, Martius, Wied)
1. nariz	tʃipip	ni-tsikoe	ni-ʃikoi	ni-tʃikoj	in-ʃikoi / e-ni-ʃikə
2. língua	jintʃög / jøetʃø	---	ʃapetan	tʃapetan	a-sabotah
3. perna, coxa	patʃikotʃik coxa, pata- ptotʃ perna	tʃeknoi coxa, kené perna	in-ʃeinon coxa, i- káne perna	enpé coxa, en- piotá perna	i-kanaihl / in-kazhe coxa, i-niotah perna
4. pescoço	tʃiknĩkip, mājkotʃ / tʃitkotʃ garganta	---	---	i-ktakai	in-katakaj / it- katekai
5. sangue	hep	id-käng	kan / id-käng	---	üb-küm, in-kö
6. ovo	tʃiʔik	nipim	---	---	am-nientin
7. mulher	ihĩn, hej, tʃetit esposa	atitiom / etiatün	atition / tih	atifum	attech / ati
8. sol	mājõn	apokai	apukoj	---	apukai
9. lua	mājõn-hej	puá	pua	---	pujal / puaan
10. rio	kojto riacho [takoʃ anus]	itakoj	itakoj	---	(kunaang)
11. molhado	patõ	---	kevi	---	ikeu(ng)biba
12. não	hok, -ʔak / -ʔah / -ʔap	---	aptou / pinjavoʃ	---	abtoh, poé

Como explicar tantas discrepâncias? Uma primeira possibilidade seria admitir que os ancestrais da maioria dos maxakali atuais não foram entrevistados pelos naturalistas do século XIX. Tal hipótese implicaria que um grupo maxakali tivesse passado despercebido nas divisas dos estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo, apesar da presença agressiva dos botocudo, e que a língua desse grupo isolado tivesse contribuído mais que a dos grupos extintos na formação do maxakali moderno.

⁶ Não sabemos onde e como Wied conseguiu elaborar sua lista de palavras malali. Pelo percurso que fez ao longo do litoral brasileiro, não entendemos como ele pôde ter entrado em contato com algum representante de um povo que sempre viveu no interior de Minas Gerais, entre Minas Novas e Peçanha.

Uma segunda possibilidade nos foi sugerida (Campos, comunicação pessoal). Sabemos que os maxakali utilizam nos seus cantos um vocabulário bastante diferente da língua falada atual, e parte desse vocabulário é ainda empregado na fala dos maxakali mais velhos (Campos, 2009, pp. 29-31). Isso poderia sugerir que havia entre os povos maxakali uma língua comum ou franca, além das línguas maternas usadas cotidianamente, e talvez seja também por isso, na opinião de Campos, que há tanta diferença entre as línguas da família. De fato, podemos identificar várias palavras arcaicas ou da língua dos cantos nos vocabulários escritos do século XIX:

	MAXAKALI MODERNO	†MACHACARI (S.Hilaire, Weid)	†KAPOXÓ / †KUMANAXÓ / †PANHÁME (Martius)	†MONOXÓ (S.Hilaire)	†MAKONI (S.Hilaire, Martius, Wied)
49. árvore	mĩp, abaʔaj [arcaico]	abaaaj	abaaaj	---	abooj
53. estrela	mãjõn-nãg, ahtʃi [l. dos cantos]	aʃi	aʃim / afojinam	---	asih / sai
60. pedra	mĩkaj, komtaj [l. dos cantos]	---	kutaj	---	komtaj
81. ver	hênãhã, pami [l. dos cantos]	---	va-pavi	---	da-babih
105. cão	kokej, tʃoktʃamap [l. dos cantos]	totfukfauam	---	kukej	poko

No entanto, não sabemos se esta hipótese poderá explicar todas as divergências que foram registradas entre a língua atual e suas modalidades passadas, como as 12 palavras acima mencionadas. Por enquanto, julgamos mais prudente manter separados os dois primeiros clades (“maxakali moderno” e “†machacari antigo”) e deixar o debate aberto para o futuro.

E o koropó? Os poucos dados que temos mostram que o koropó deve ser inserido em um desses dois clades, talvez com o makoni ou com o kapoxó.

4.2 A língua pataxó-hãhãhãe extinguiu-se no fim do século XX. Possuímos vários vocabulários dessa língua, como o de Pickering, que recolheu mais de 160 palavras pataxó-hãhãhãe (Meader, 1978, pp. 45-50). Essa lista de palavras mostra claramente que o pataxó-hãhãhãe é parente linguístico do maxakali moderno, com correspondências fônicas bem delineadas e bastante regulares (Meader, 1978, pp. 9). Acrescentando mais duas correspondências, temos:

MAXAKALI	PATAXÓ-HÃHÃHÃE
k	> ʔ (ou desaparece)
t	> k
p	> b
-n- / -j-	-ŋ-
i	ʌ

Comparemos:

MAXAKALI	PATAXÓ-HÃHÃHÃE	MAXAKALI	PATAXÓ-HÃHÃHÃE
pitoj	ɓakoj <i>cabeça</i> (1)	kíp	ʔip-tʃuj <i>osso</i> (26)
pata	paka <i>pé</i> (12)	kãjã	ʔãŋã <i>cobra</i> (110)
mãjõn	maŋu <i>sol</i> (50)	-ĩpkoj	ẽpʔoj <i>orelha</i> (6)
tʃĩpkĩnãj	tʃʌmʌŋãj <i>figado</i> (25)	tep-ta	keb-ka <i>banana</i> (121)
kokej	woe < ʔoʔe <i>cão</i> (105)		

Calculando o número de cognatos em comum, constatamos que o pataxó-hãhãhãe compartilha, pelo menos, 70% do vocabulário básico com o maxakali moderno. Em consequência, na árvore que propusemos, achamos bastante razoável que o clade “pataxó-hãhãhãe” seja irmão do clade “maxakali moderno/machacari antigo”. Em outras palavras, o “maxakali moderno” e o “machacari antigo” seriam irmãos, e o “pataxó-hãhãhãe” irmão desse conjunto.

4.3 E o “pataxó de Wied”? Na árvore que propusemos, vemos que o “pataxó de Wied” e o “pataxó-hãhãhãe” são considerados irmãos, e o clade que eles formam é por sua vez irmão do

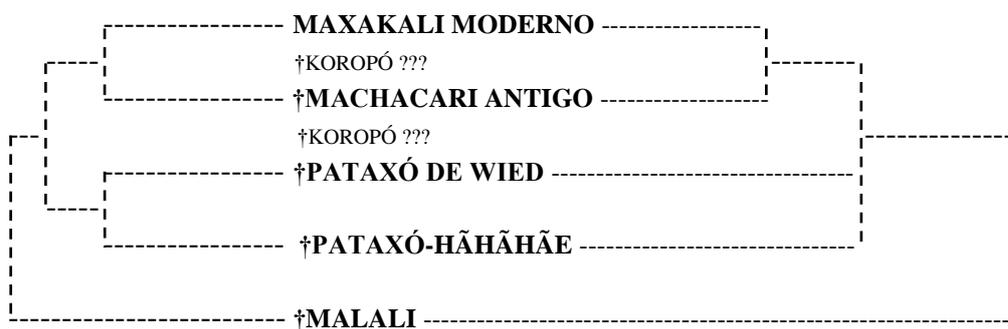
clade “maxakali moderno/machacari antigo”. Infelizmente, para demonstrar isso, dispomos somente de uma pequena lista de 90 palavras recolhida por Wied em 1816. Ao que tudo indica, as duas variedades de pataxó foram sempre reunidas, simplesmente pelo fato que elas têm a mesma denominação (Loukotka, 1963, p. 32, 1968, p. 70). No entanto, com tão pouco material, fica realmente difícil estabelecer uma conexão segura entre essas duas variedades, e a denominação comum de “pataxó” não deve servir de alibi para colocar as duas variedades no mesmo subgrupo. Campos (2011, p. 2) também assume que o “pataxó de Wied” e o “pataxó-hãhãhãe” são dialetos de uma mesma língua, mas não comenta o porquê dessa posição. Na realidade, a pequena lista de Wied somente mostra que o “pataxó de Wied” é provavelmente membro da família maxakali. Além disso, ele não partilha as inovações fonéticas típicas do “pataxó-hãhãhãe” que acabamos de descrever. Pelo contrário, ele parece compartilhar todas as características fonéticas do maxakali moderno.

No entanto, existem várias isoglossas lexicais que aproximam o “pataxó de Wied” do “pataxó-hãhãhãe”, como pode ser visto na lista de cognatos abaixo cujas correspondências fônicas são as mesmas que utilizamos antes quando comparamos o maxakali e o pataxó-hãhãhãe:

PATAXÓ de WIED	PATAXÓ-HÃHÃHÃE	PATAXÓ de WIED	PATAXÓ-HÃHÃHÃE
ngua	gua / ʔwa <i>olho</i> (4)	poitaŋ	bokāi <i>arco</i> (124)
ektan	ẽŋka <i>pai</i> (41)	amanaj	ãmãgãj <i>faca</i> (128)
patafi	bkahâi <i>pessoa</i> (43)	kaxa	ʔaxa <i>machado</i> (129)
tjapa	tapa <i>paca</i> (101)		

Essas isoglossas parecem sugerir que nossa árvore linguística esteja certa. Outra possibilidade seria desconsiderar a dicotomia entre o clade dos “pataxó” e o clade dos “maxakali”, e preferir uma tricotomia que considera irmãos o “pataxó de Wied”, o “pataxó-hãhãhãe” e o “maxakali moderno/machacari antigo”. E, justamente, certas isoglossas compartilhadas pelo maxakali e pelo pataxó de Wied (mas não pelo pataxó-hãhãhãe), ou pelo maxakali e pelo pataxó-hãhãhãe (mas não pelo pataxó de Wied) parecem sugerir essa tricotomia (cf. anexo II). Adotando essa opção, Campos (2011, p. 4) sugere a possibilidade do maxakali e dos pataxós terem sido apenas dialetos próximos de uma mesma língua, inteligíveis entre si.

O diagrama abaixo reúne as duas possíveis combinações dos seis clades maxakali que sintetizam nosso raciocínio e nossa posição. Enquanto a árvore esquerda é inteiramente dicotômica, a árvore direita argumenta a favor de uma igual semelhança linguística, talvez no nível dialetal, entre o pataxó de Wied, o pataxó-hãhãhãe e o maxakali:



4.4 E o malali? Observando a árvore que propomos acima, vemos que o clade “maxakali moderno/machacari antigo” e o clade dos “pataxós” são irmãos, e que o malali é irmão desse conjunto linguístico. Dessa forma, pensamos que o malali pertence à família maxakali e que, dentro dessa família, é a língua mais afastada das outras. Nos vocabulários disponíveis (120-130 palavras), encontramos 50% de vocabulário básico entre o malali e as outras línguas da família maxakali. O que parece diferenciar o malali das outras línguas maxakali é basicamente a presença de empréstimos. Algumas palavras parecem adotadas do krenak

(como **pao** “terra” e talvez **pose** “um”, que podem ser comparadas - respectivamente - com o krenak **pao** e **potfik**). Entretanto, a maioria dos seus empréstimos provém da família kamakã como comprovam os dados abaixo:

	Malali	Kamakã
Testa	(h)ake	ake
Olho	keto	keto
Boca	a-jatako	in-jatako (Menien)
Dente	a-jo	jo (Menien)

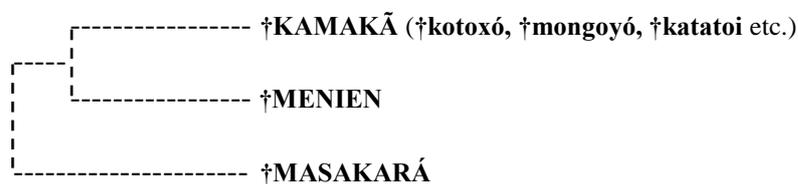
	Malali	Kamakã
Lua	ajé	hadze, jé (Menien)
Chuva	jaab	sãn
Mutum	jahais	jaheiä (Menien)

A presença dessas palavras em malali explica-se pela presença de grupos kamakã que viviam provavelmente, durante o século XVIII, no alto Jequitinhonha e tinham como vizinhos os malali. Esses kamakã moravam rio acima até que os bandeirantes paulistas, chegando a Minas Novas, os expulsaram ou os mataram. Os que sobreviveram escaparam e foram estabelecer-se, talvez em 1750, na foz do Jequitinhonha onde foram conhecidos sob o nome de *menien* (Wied, 1989, p. 235).

5. A FAMÍLIA MAXAKALI: CLASSIFICAÇÃO EXTERNA

Concluída a delimitação da família maxakali, com o koropó e o malali inclusos, procuraremos agora verificar se o maxakali tem semelhanças com outras línguas da região. De início podemos dizer que entre as analogias mais evidentes, importantes e numerosas que encontramos está de longe a família kamakã.

Os kamakã propriamente ditos viviam entre o rio Jequitinhonha e o rio de Contas, enquanto que os masakará moravam no norte da Bahia, entre as atuais cidades de Massacará e de Juazeiro. A última falante dessa família linguística morreu nos meados do século XX. Uma classificação da família kamakã poderia ter a seguinte configuração:



Os dados sobre esta família são escassos e, por consequência, medir a “distância linguística” entre o kamakã e o masakará é extremamente difícil. Parece-nos que o grupo kamakã conhecido como “menien”, já apresentado na seção anterior, ocupava uma posição linguística intermediária entre o kamakã e o masakará. Observemos que ao **(t)ʃ** kamakã corresponde geralmente **j** em menien.

No seu artigo sobre a família kamakã, Loukotka (1932) muito provavelmente confunde nomes de grupos indígenas com línguas por eles faladas. Com isso, atribuiu nomes diferentes para uma mesma língua descrita por viajantes diferentes. Assim é muito provável que o que os viajantes chamaram de “kamakã”, “kotoxó”, “mongoyó”, “monxokó”, “katatoí” etc. fazia referência à mesma língua.

Como já notamos, temos poucos dados sobre a família kamakã, ou seja, algumas listas curtas do século XIX e, do século XX, os vocabulários de Guérios e de Nimuendajú. Infelizmente, não encontramos a lista vocabular de 225-250 itens que Nimuendajú elaborou em 1938 com a última falante da língua kamakã. Lamentamos também que, no vocabulário elaborado por Guérios (1944) com o filho da última falante kamakã, há sobreposição de línguas diferentes: o informante, que não se lembrava bem da sua língua materna, acabou misturando repetidamente o kamakã com o pataxó-hãhãhãe (família maxakali). São exemplos

disso: **kohái** “cabeça” [em pataxó-hãhãhãe: **makohajj**], **hamiko** “terra” [em pataxó-hãhãhãe: **ham**], **mãnkoi** “caminho” [em pataxó-hãhãhãe: **mba?oi**] etc.

Com dados tão reduzidos, elaboramos uma lista de 94 palavras kamakã disponíveis no anexo III, com base nas seguintes fontes:

(Ka) †Kamakã (Martius, 1863, pp. 153-154 ; Loukotka, 1932 ; Guérios, 1944)	[1819-1944]
(Ko) †Kotoxó (Martius, 1863, pp. 156-158)	[1819]
(Mo) †Mongoyó (Wied, 1989, pp. 514-516)	[1816]
(Me) †Menien (Wied, 1989, pp. 513-514)	[1816]
(Ma) †Masakarã (Martius, 1863, pp. 144-145)	[1819]

Como já dissemos, as semelhanças entre a família maxakali e a família kamakã são muitas (30% do vocabulário básico), e seriam provavelmente bem mais numerosas se tivéssemos um material linguístico kamakã mais abundante. As semelhanças aparecem principalmente em nomes que indicam as partes do corpo e em alguns outros substantivos. Como o material disponível fornece pouquíssimos verbos e adjetivos, não foi possível encontrar muitas analogias em relação a essas duas classes de palavras. O quadro abaixo mostra as principais semelhanças que encontramos entre o maxakali e o kamakã. Na coluna de direita, as palavras em maxakali moderno não estão seguidas de abreviatura:

	KAMAKÃ (K) †Kamakã, (Me) †Menien, (Ma) †Masakarã	MAXAKALI (M) †Machacari, (K) †Kapoxó, (Mo) †Monoxó, (Mak) †Makoni, (Mal) †Malali, (P) †Pataxó de Wied, (H) †Pataxó-Hãhãhãe
1. cabeça	ero (K, Me), aro (Ma)	pito-tf
2. rosto	kü / ke (K, Me, Ma)	ki-tf / ke-tf
3. pelo	ke (K, Me), xö (Ma)	tfe
4. orelha	(n-)ixko (K, Me), x-üxko (Ma)	(n-)ipko-tf
5. nariz	(ni-)tji-ko (K, Me), tfix-ko (Ma)	tji-pip, (ni-)tsi-ko-tf (M, K, Mo, Mak)
6. boca	-ärä-ko (K), -ata-ko (Me), -ata (Ma)	-ata-ko-tf (Mal), -aka-?o-tf (H)
7. dente	tfo (K), jo (Me), thüoh (Ma)	tfo-tf, jo (Mal)
8. pé	watö / wate (K, Me, Ma)	pata
9. perna	(kai)tfe (K, Me)	(kai)zhe / (kai)pe (M, K, Mo, Mak, Mal)
10. mão	n-ĩ-ker (K, Me), k-üm (Ma)	n-ĩm-(kítok)
11. braço, asa, ramo	(ni)-wan (K), -wäg (Ma)	(nĩm)-mãg
12. fezes	jü-ko (K), jun-du (Me), tjiü-grüŋ (Ma)	jön
13. pescoço	thüŋ-ko (Ma)	tjit-ko-tf
14. seio	ju-kara / jo-fere / jum-biftüh (K, Me, Ma), ju (K, Me) <i>leite</i>	jöŋ-tat
15. pele	ka (K)	tfa-tf
16. pai	keanda (K)	ätak
17. mãe	titsin (K)	tít
18. peixe	wã (K, Me)	mãm
19. árvore	wĩ (K, Me)	mĩm
20. sol	pipöŋ / pinna (K, Me, Ma) <i>estrela</i>	mãjön
21. lua	(h)atje / adze (K), je (Me)	hatf / hetf, ajé (Mal), atji <i>estrela</i>
22. fogo, lenha	tfa-ke / hieg-ke (K), gu-xah (Ma)	kíp, ki-tfap, tfab
23. noite	amani, ambi (Ma)	ãmnij
24. grande	hie (K), fe (Me), tse (Ma)	tsetf.ka, fej (K), psie (Mak), fem (Mal)
25. dormir	hondon / monton (K, Me)	mõnõn / mõhõn / mõjõn
26. ir	mãg (K, Me)	mög
27. vir	ni (K, Me)	nĩn
28. dizer	tfaktf / tfakre (K)	tjik-titf
29. cair	ranka (K)	nã
30. eu	in- (K, Ma)	ĩg
31. tu	an- (K)	ã
32. não	ho (K)	hok
33. um	weto (K, Me)	pítjet
34. buraco	ko (K, Ma)	ko-tf

35. onça	tfake (K, Me, Ma)	tfok-tfamap, tfok-ānet [tfok <i>animal</i>]
36. macaco	koŋfi (K)	koktitf
37. jacu	fahejə (K)	tfahais (Mal)
38. jacaré	wē (K, Me)	māj
39. mandioca	kahatf (K), kaju (Me), kaxü (Ma)	kohot, ?ohōj (H)
40. flecha	waj (K, Me)	potf
41. pote	na (K)	na-tf

OBSERVAÇÕES

- 1) Em (1), o kamakã deveria ser **weto** ou **wero**, e não **ero**, para corresponder ao maxakali **pítotf**, conforme as correspondências de sons que vamos comentar.
- 2) Em (3), a correspondência **k / tf** é duvidosa.
- 3) Em (6), precisamos não esquecer das regras de correspondência do maxakali ao pataxó-hãhãhãe: **t > k** e **k > ?**.
- 4) Em (15), a correspondência **k / tf** é duvidosa.
- 5) Em (23), a palavra kamakã pode ser um empréstimo maxakali.

Semelhanças como as que ocorrem em 2, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 18, 19, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 38, 40, não podem ser fruto do acaso, mas atestam, muito provavelmente, uma afiliação “genética” estreita entre o maxakali e o kamakã ou, alternativamente, poderiam mostrar uma longa história de contatos interétnicos sem que haja necessariamente uma relação de parentesco, já que os povos maxakali e kamakã ocupavam espaços contíguos (cf. mapa). Diante dessas duas opções, precisamos definir qual delas escolheremos, ou seja, houve uma afiliação genética ou uma adoção lexical maciça devido a contatos interétnicos intensos?

De um lado, encontramos facilmente algumas correspondências fônicas bastante regulares entre a família maxakali e a família kamakã. Assim, um **pV** no makakali corresponde geralmente a um **wV** no kamakã, e um **mV̄** no makakali corresponde geralmente a um **wV̄** no kamakã. Por exemplo:

MAXAKALI	KAMAKÃ
pata	watə pé (8)
māg	wāg braço (11)
mām	wā peixe (18)
mīm	wī árvore (19)
pítfe-t	weto um (33)
māj	wē jacaré (38)
po-tf	waj flecha (40)

No entanto, as regras de correspondências fônicas são uma condição necessária, mas **nunca suficiente**, para demonstrar o parentesco entre duas línguas. Assim, essas correspondências poderiam ser consequências de mudanças fônicas ocorridas depois dos termos terem sido adotados.

Por outro lado, sabemos que, em situação de contato relativamente casual entre línguas, os termos adotados são geralmente do vocabulário não-básico; a adoção de termos do vocabulário básico ocorre somente quando os contatos aumentam. No caso das semelhanças aqui encontradas, mais de 30 palavras kamakã mostram conexões com o maxakali, e mais da metade dessas palavras são muito próximas e pertencem ao vocabulário básico. E, curiosamente, quase nenhum termo não-básico encontrado nas listas do século XIX mostra alguma semelhança entre o kamakã e o maxakali. Isso parece mostrar que as semelhanças não são resultado de um contato intenso porque, nesse caso, seria também adotada, como empréstimos, uma grande proporção do léxico animal e vegetal, assim como os termos que designam os objetos de manutenção (“faca”, “rede”, “machado” etc.) e outros termos culturais. Portanto, a inclusão do kamakã na família maxakali parece-nos fortemente recomendada.

No entanto, há sempre uma possibilidade que não podemos descartar em razão da qualidade dos dados linguísticos. Assim, por exemplo, até que ponto as listas de vocábulos

disponíveis e que mostram fortes semelhanças entre o kamakã e o maxakali estão livres de dados mesclados entre elas? Já constatamos como o vocabulário de Guérios elaborado em 1944 confunde às vezes o kamakã com o pataxó-hãhãhãe (maxakali). E que segurança podemos ter em relação às listas do início do século XIX?

Assim sendo, antes de concluir sobre essa provável afiliação kamakã-maxakali, achamos prudente continuar nossa exploração e examinar as afinidades do maxakali com outras famílias linguísticas, sobretudo com línguas vizinhas.

5.1 Há também muitas semelhanças importantes entre a família maxakali e o krenak (17% do vocabulário básico, e talvez mais se houvesse um material krenak de melhor qualidade), mas sem regras de correspondências fônicas bem definidas:

	Krenak	Maxakali
Rosto	kan	katf
Nariz	dʒin	tʃi-pip, tʃi-hĩ
Dente	dʒ-un	tʃ-otʃ
Braço, asa	mak	māg
Sangue	kamtʃek	kam
Carne	tʃ-ĩn	j-ĩn
Pele	kat	tʃatʃ
Pai	dʒ-ikan	ātak, ēŋka
Noite	ampim	āmnĩj
Beber	ʒop	tʃop
Dar	hup	hōm

	Krenak	Maxakali
Assar	(ha)op	hap
Cair	rak	nā
De pé	muzim, muhim	hip, muʃi
Um	potʃik	pitʃet, batʃe
Eu	hi-	ĩg
Tu	a- / ā-	ā
Onça	kuparag	kuman-nāg [Mak, empréstimo?]
Cipó	kuzun	tohotʃ, kuhuj [H]
Arco	nem	nāp-tít
Corde	dʒita(k)	tʃit

Há igualmente um certo número de semelhanças importantes entre a família kamakã e o krenak, e talvez mais se houvesse um material de melhor qualidade, mas sem regras de correspondências fônicas:

	Kamakã	Krenak
Pelo	ke / kə	ke
Olho	kedo	ketom
Dente	dʒ-u	dʒ-un
Pele	[an]ka	kat
Noite	amani, ambi	ampim
Alto	iro-oro	oron
Comer	jukua	kut
Ir	mā	mũ

	Kamakã	Krenak
Vir	ni	ni
Cair	raxka	rak
Eu	ĩ-	ĩ-
Tu	ʃə-	ātʃuk / ho
Um	weto	potʃik
Cantar	gre [Ma]	grĩ(n)
Irmão	kejak	kijjak

5.2 Há também semelhanças entre as famílias maxakali e pano (13% do vocabulário básico) e entre as famílias jê e pano (14% do vocabulário básico). Essas semelhanças precisariam ser aprofundadas. Por exemplo:

	Pano	Maxakali
Cabeça	*βi-, βi-tonko	pito-tʃ
Cabelo	*-ni	nĩt
Boca	*(h)ana	ata-ko-tʃ
Mão	*mĩ-	-im
Braço	*ba-	māŋ
Seio	*ʒo	tʃok

	Pano	Maxakali
Sangue	*himi	hep
Homem	*bini	pit
Fumaça	*koin	gōj
Noite	*jami	āmnĩj
Eu	*i-	ĩg
Um	*wisti	pitʃet

5.3 Há semelhanças importantes entre a família maxakali e a família jê (25% do vocabulário básico, e até 31% com o subgrupo timbira-kayapó):

	MAXAKALI (M) †Machacari, (K) †Kapoxó, (Mo) †Monoxó, (Mak) †Makoni, (Mal) †Malali, (P) †Pataxó de Wied, (H) †Pataxó-Hãhãhãe	JÊ (Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng
1. pelo	tʃe	kĩ (Jê), -ki / gã(i)ŋ (Ka)
2. boca	-ata-ko-tʃ (Mal), -aka-ʔo-tʃ (H)	-ad(a)-kwa (Ak/Jê), j-āt-kĩ (Ka)
3. língua	ŋ-oetʃō	-ō(i)tə (Ak/Jê), n-ũnē (Ka)
4. pé	pata	par(a) (Ak/Jê), pān (Ka)
5. mão	n-ĩm-(kitok)	-ĩpkra (Ak/Jê), n-ĩgã (Ka)
6. braço, asa	(nĩm)-māg	pa(inō) (Ak/Jê), pē (Ka)
7. fezes	jōn	du (Ak/Jê), nug (Ka)
8. seio	jōŋ-tat	-ōkut (Ak/Jê), n-ũgje (Ka)
9. carne	j-ĩn	n-ĩ (Ak/Jê/Ka)
10. flor	-nĩt	-rĩ (Jê)
11. gordura	top	twəm (Ak/Jê), tāg (Ka)
12. mãe	tít	nā (Ak/Jê), n(-)ĩ (Ka)
13. piolho	kĩt	ku (Ak) / go (Jê), ga / gō (Ka)

14. árvore	mīm	pī (Jê), mī (Ak), pī (Ka) <i>lenha</i>
15. sol	mājōn	pīt / bədə (Ak/Jê), pīri (Ingain)
16. chuva	tetf	tā (Ak/Jê), ta (Ka)
17. fogo, lenha	kīp, ki-tʃap, tʃab	ku (Ak) / ko (Jê), ka / kə (Ka) <i>árvore</i>
18. fumaça	gōj	-kum (Jê)
19. caminho	pītat	(pīri / bədə (Ak/Jê), apri (Ka)
20. novo	tīp	te(m) (Ak), tīw (Jê), tāg (Ka)
21. bom	matf	metf (Jê)
22. pesado	pītītʃ	pītī (Jê)
23. grande	tīt	-tī / -ri (Jê)
24. ouvir	-pak	-pa (Jê)
25. dormir	mōnōn / mōhōn / mōjōn	-ōt(ō) (Ak/Jê), n-ūr (Ka)
26. ir	mōg	mō (Ak/Jê), mū (Ka)
27. vir	nān	tē (Ak/Jê), tī (Ka)
28. chegar	mōtʃaha	botf (Jê)
29. voltar	pītpi	(aku)pīn (Jê)
30. dar	hōm	sōm (Ak), -ō(r) (Jê), nēm (Ka)
31. atirar	mān	mē (Ak/Jê), pēg (Ka)
32. cantar	kītetf	(ō)krɛ (Ak/Jê), grɛn (Ka)
33. eu	īg	i- / ī- (Ak/Jê), īp (Ka)
34. tu	ā	a- (Ak/Jê), ā (Ka)
35. um	pītʃet	pītī (Ak/Jê), pīr (Ka)
36. outro	nōj	?ō / ?nō (Jê), ū(n) (Ka)
37. macaco	koktītʃ	kokoj (Ak/Jê), gəg (Ka)
38. cobra	kājā	kāṅā (Jê)
39. vespa	āmān	am-pī (Jê)
40. mandioca	kohot, ?ohōj (H)	kwər (Jê)

Essas óbvias semelhanças entre o jê e o maxakali, sobretudo entre o kaiapó e o maxakali, já há muito tempo foram notadas (Mason, 1950, p. 295). Como não podem ser fruto do acaso, novamente, precisamos optar por uma afiliação genética ou por uma adoção lexical maciça proveniente de contatos interétnicos intensos. E como as numerosas semelhanças aqui listadas pertencem ao vocabulário básico, uma conexão genética entre o jê e o maxakali parece novamente fortemente recomendada.

Há, no entanto, algumas considerações importantes que gostaríamos de fazer a respeito das presumidas conexões kamakã-maxakali e jê-maxakali. Em primeiro lugar, diferente dos kamakã, os povos jê e maxakali não ocupavam espaços territoriais contíguos. Nessas condições, uma maciça adoção de elementos lexicais entre as línguas jê e maxakali poderia ser descartada, tornando a afiliação genética jê-maxakali ainda mais provável que a afiliação genética kamakã-maxakali.

Contudo, essa consideração não tem fundamento histórico. Se consultarmos novamente o mapa, veremos que há um grande vazio demográfico entre o território dos malali (família maxakali) e o dos xakriabá do rio São Francisco (família jê, cf. anexo I). Esse vazio demográfico é o resultado das numerosas “entradas e bandeiras” dos séculos XVII e XVIII. A partir de 1670-1674, muitos bandeirantes paulistas, juntos com foragidos da lei, escravos fugidos e elementos desgarrados de antigas bandeiras (Fernão Dias Paes Leme, Lourenço Castanho Taques, Domingos Jorge Velho etc.) invadiram o espaço entre o rio das Velhas, o rio Verde Grande e as margens do São Francisco. Esses bandeirantes buscavam esmeraldas e se envolveram em combates extremamente violentos contra os índios naquela região. Não acharam as tão sonhadas pedras preciosas, mas o choque foi tão brutal que os *cataguá*, os *mapaxó* e todos os grupos daquele espaço foram dizimados. A partir de 1690, alguns paulistas, como Matias Cardoso, criaram raízes e tornaram-se criadores de gado no vale do São Francisco, entre São Romão e a foz do rio Verde, escravizando brutalmente os *xakriabá* e todos os índios que ainda não tinham fugido (Fagundes & Martins, 2002, p. 65). Salvo alguns

etnônimos, desconhecemos qualquer informação linguística a respeito dos índios que antes dos genocídios dos séculos XVII e XVIII viviam nesse imenso espaço tornado vazio, mas é bem provável que aí habitavam alguns povos jê, kamakã e maxakali que ocupavam espaços territoriais contíguos. Nesse sentido, não se deve, sob o pretexto de tornar a hipótese da afiliação genética mais provável, descartar contatos interétnicos intensos entre os membros dessas três famílias (jê, kamakã, maxakali). Como exemplo de contatos interétnicos, o leitor poderá comparar a famosa corrida de tora dos xerente com uma corrida bem semelhante que os kamakã praticavam (Wied, 1989, p. 436).

5.4 Enfim, gostaríamos de salientar que, diferente das línguas jê e maxakali, que são melhor conhecidas, temos poucos dados linguísticas sobre as línguas kamakã. Ainda assim, mesmo com dados limitados, vimos que são muitas e óbvias as semelhanças entre o kamakã e o maxakali. E isso, para nós, é essencial. Mas também há importantes semelhanças entre as famílias jê e kamakã, como pode ser depreendido do quadro abaixo:

	(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Kamakã		(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Kamakã
Pelo	kĩ (Jê), -kĩ / gã(i)ŋ (Ka)	ke / kə	Noite	māra (Ak)	wera
Boca	-ad(a) (Ak/Jê), j-āt (Ka)	j-ata (Me, Ma)	Bom	kĩŋ (Jê), tʃĩni (Ka)	koiki
Pé	par(a) (Ak/Jê), pān (Ka)	wate	Beber	kon (Jê), gɔn (Ka)	kode
Perna	za (Ak), fa (Ka)	-tsa / -tse	Dormir	-ōt(ō) (Ak/Jê), n-ūr (Ka)	montonj / ondon
Mão	-ĩpkra (Ak/Jê), n-ĩgã (Ka)	n-i-kre	Morrer	di (Jê), də (Ak), ti / ter (Ka)	diã / die
Peito, seio	-ōkut (Ak/Jê), n-ũgje (Ka)	ŋ-ugara	Ir	mō (Ak/Jê), mũ (Ka)	mã
Pele	ka (Ak/Jê)	naka	Vir	tê (Ak/Jê), tĩ (Ka)	ni
Ovo	gre (Ak/Jê), krê (Ka)	sa-kre	1sg	i(j)- / ĩ- (Ak/Jê), iŋ (Ka)	in-
Árvore 1	ko (Ak/Jê), kɔ (Ka)	ku (Ma)	2sg	a(i)- (Ak/Jê), ā (Ka)	an-
Árvore 2	pĩ (Ak), mĩ (Jê), pĩ (Ka)	wĩ	Um	pĩti (Ak/Jê), pĩr (Ka)	weto
Pedra	kētê (Ak/Jê), kere (Ingain)	kere / kri <i>serra</i>	Cantar	(ō)krɛ (Ak/Jê), grɛn (Ka)	gre (Ma)

Ou entre a família jê e o krenak:

	(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Krenak		(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Krenak
Cabeça	krã (Ak/Jê), křĩ / krê (Ka)	krê	Andar 2	tê (Ak/Jê), tĩ (Ka)	nĩ
Pelo	kĩ (Ak/Jê), -kĩ / gã(i)ŋ (Ka)	kɛ	Cair	rereke (Ak)	rak
Olho	tōmō (Ak), -ta (Ka)	-tom	Um	pĩti (Ak/Jê), pĩr (Ka)	potʃik
Nariz	n-ĩja (Ak/Jê), n-ĩjê (Ka)	dʒ-in	Cantar	krɛ	grĩ
Unha	-krɔpɔ (Ak/Jê), -gru (Ka)	kram	Guariba	kopit (Ak/Jê)	kupiri
Pé	par(a) (Ak/Jê), pān (Ka)	pɔ	Arara	krada (Ak), klan (Ingain)	kataran
Braço	pa (Ak/Jê), pē (Ka)	pɔ	Mel	mêg (Ak/Jê), mĩg (Ka)	pāŋ
Carne	n-ĩ (Ak/Jê), n-ĩ (Ka)	ʃ-in	Mosca	kop (Ak/Jê), ka (Ka)	kap
Pele	kə (Ak/Jê)	kat	Mandioca	kupa (Ak), kumin / kuma (Ka)	kupə
Fumaça	kak(rã) (Jê), gɔg (Ka)	kəkə	Banana	hespɔ-krã (Xerente)	ʒipokan
Coamer	ku (Ak/Jê), ko (Ka)	kut	Machado	krã	krak
Andar 1	mō (Ak/Jê), mũ (Ka)	mũ			

Contudo, seja qual for seja a gênese dessas semelhanças, interpretadas ou como “prova” de afiliação genética ou como “marca” de empréstimos linguísticos maciços, uma coisa nos parece segura: dentre as quatro famílias comparadas (jê, maxakali, krenak e kamakã), as semelhanças entre as línguas kamakã e maxakali são as mais evidentes. Várias possibilidades surgem para o pesquisador: escolher um parentesco entre o jê, o kamakã e o maxakali, mas sugerindo, para o krenak, que as semelhanças são o fruto de contatos linguísticos intensos; ou buscar combinações mais complexas entre essas quatro famílias. Na verdade, não sabemos ao certo como esses quatro grupos se combinam, e os autores deste artigo não chegaram a um consenso. Apesar disso, pensamos que o kamakã e o maxakali são os membros mais íntimos desse conjunto.

É tempo de concluir. Neste breve estudo de línguas, algumas ainda faladas em Minas Gerais, demos um estatuto de família independente (língua isolada) ao puri-coroadado, e vimos muitas semelhanças lexicais entre quatro famílias: o maxakali (no qual incluímos o koropó e o malali), o kamakã, o jê e o krenak. Essas semelhanças, que são ainda mais abundantes entre o maxakali e o kamakã, podem ser vistas ou como vestígios de uma mesma origem ou como marcas de contatos intensos.

Para terminar, gostaríamos de fazer um comentário crítico acerca de vários textos que limos sobre o “provável local de origem do macro-jê”. Para muitos filólogos e linguistas, a área de maior diversidade linguística de uma família deve ser o local onde essa família se originou. Todavia, esse ponto de vista prescinde geralmente das línguas extintas.

Para nos fazer entender melhor, buscamos um exemplo na taxonomia zoológica a respeito da família dos girafídeos. Essa família é composta da girafa, que vive em campos abertos na África, e do ocapi, que se encontra em zonas florestais no mesmo continente. Podemos concluir que a origem dos girafídeos se encontra na África subsaariana? Certamente que não, uma vez que os fósseis mais remotos dessa família encontram-se na Ásia e são datados de mais de 25 milhões de anos. De lá, os girafídeos expandiram-se até a África onde as únicas espécies desta família ainda existem; as espécies eurasiáticas desapareceram no decorrer do tempo.

O que vale para as girafas vale também para as línguas: elas morrem sem deixar ossos fossilizados, mas “vazios” nos mapas. Como vimos, constatamos um grande espaço vazio no mapa linguístico de Minas Gerais e tentamos explicá-lo. Esses vazios são muito frequentes no mapa do Brasil. Após a expulsão dos holandeses, os bandeirantes paulistas e os sertanistas baianos internaram-se no sertão, atrás de pedras preciosas ou de outras riquezas. Esses homens competiram violentamente entre si, mas acabaram misturando-se e tornando-se criadores de gado: foram os famosos “vaqueiros do São Francisco”. Esses aventureiros percorreram um espaço enorme, do rio das Velhas até o Piauí, do interior baiano até o Ceará, afugentando e perseguindo continuamente os kariri, os pimenteira, os gurgueia, os xukuru e outras dezenas de etnias indígenas que foram exterminadas sem que delas fossem registradas quaisquer linhas sobre suas línguas. É por essas razões que o mapa etnolinguístico dessas regiões contém vazios demográficos.

Voltando ao provável local de origem do macro-jê, certos autores pretendem encontrá-lo no Leste brasileiro, nos bandos de Minas Gerais, porque é lá que se observa a maior diversidade de línguas macro-jê, já que o puri-coroadado, o maxakali, o kamakã e o krenak seriam remotamente relacionados (Urban, 1998, p. 91). No entanto, parece que essa “hipótese oriental” não agrada a todos os pesquisadores (Ribeiro, 2007)⁷, assim como aos autores deste artigo. Na realidade, nenhuma das hipóteses apresentadas é aceitável. Com a história de violências que o Leste brasileiro experimentou do século XVII até 1750, que geraram tantos espaços vazios no mapa étnico dessa região, vaticinar acerca da origem dos Macro-Jê é sempre um empreendimento perigoso. Reiteramos, o estudo que estamos concluindo não parece confirmar a hipótese oriental. Tentamos mostrar que o puri-coroadado não parece relacionado com o macro-jê, e vimos também que o maxakali, o kamakã e o krenak não parecem “remotamente relacionados”, qualquer sentido seja dado a esse relacionamento.

Mais que encontrar a origem do macro-jê, o que esperamos mesmo é que surjam manuscritos esquecidos em museus ou nas mãos de algum colecionador anônimo que possam servir de base para esclarecer ou rever o pouco que sabemos a respeito das línguas do Leste brasileiro.

⁷ Não conseguimos encontrar esse artigo e, portanto, não sabemos quais os argumentos que ele utilizou para refutar a hipótese oriental do macro-jê.

ANEXO I

LÍNGUAS DO LESTE BRASILEIRO

A seguir, apresentamos as famílias linguísticas encontradas no Leste brasileiro, com seus subgrupos e suas línguas, vivas ou extintas⁸. Nesta breve exposição, deixamos de lado os grupos tupi-guarani que viviam ao longo do litoral brasileiro na chegada dos europeus por pertencerem a uma família de provável origem amazônica.

Jê [3-4 línguas]

A classificação da família jê aqui proposta por nós baseia-se nos trabalhos atualmente disponíveis. Algumas isoglosses lexicais sugerem que o *ingain* poderia ser uma língua de transição entre o jê meridional e o jê setentrional. Note que os *xakriabá* viviam no rio São Francisco, em Minas Gerais, bem antes de 1712 (Saint-Hilaire, 2000, pp. 340-341). Foram destruídos por Matias Cardoso e outros paulistas a partir de 1690. O vocabulário que Saint-Hilaire (1975, p. 145) elaborou com os *xakriabá* do Triângulo Mineiro em 1819 mostra que eles falavam um dialeto xerente. Desde o fim do século XIX, o *jaikó* ou *geicó* foi apresentado como pertencendo “possivelmente” à família jê (Mason, 1950, p. 289). Desde então, de candidato o *jaikó* passou a membro permanente dentro desta família sem que nenhuma explicação seja fornecida. Na realidade, só temos um vocabulário *jaikó* de 67 palavras (Martius, 1863, p. 143), que parece ser uma mistura de todas as línguas do Piauí. Apenas meia dúzia das palavras parecem-se nitidamente com alguma língua jê (“cabeça”, “língua”, “mãe”, “floresta”, “lenha”, “pescoço”). Outras (“cabelo”, “dente”, “pé”, “braço”, “matar”, “lua”) podem ser karib, tupi, maxakali ou masakará. As palavras *tilofung* “assar”, *koko* “noite”, *ereŋ* “pênis” são respectivamente quase idênticas às palavras pimenteira (karib) *taratŋuh*, *gongon*, *ariŋ*. As palavras *u-fiegkó* “ouvir”, *namblú* “lavar”, *eru* “cuia” são respectivamente quase idênticas às palavras masakará *chighkó*, *achar-namú*, *erö*. Vendo isso, achamos mais prudente deixar o *jeikó*, pelo menos provisoriamente, em uma família independente.

I) JÊ SETENTRIONAL (2 línguas)

A) JÊ PRÓPRIO (Timbira-Kayapó)

Contínuo dialetal: **Canela-Krahô ↔ Gavião-Krikati ↔ Apinajé ↔ Kayapó ↔ Suyá-Tapayuna ↔ Panará-†Kayapó do Sul.**

B) AKUWÊ

Vários microdialetos: **Xavante, Xerente** (incluindo: †*Xakriabá*, †*Akroá*, †*Gueguê*).

II) JÊ MERIDIONAL (1-2 línguas)

Contínuo dialetal: †*Ingain* ←--→ *Xokleng* ↔ *Kaigáng*.

†Puri-Coroado [1 língua]

Maxakali [1 língua viva]

Por falta de vocabulários extensos, a posição do malali dentro da família não está muito bem documentada. A família maxakali é provavelmente aparentada com a família kamakã.

I) MAXAKALI-PATAXÓ

Lingua Incertae Sedis: †*Koropó*.

A) MAXAKALI PRÓPRIO

1) Maxakali

2) †Machacari Antigo (incluindo: †*Monoxó*, †*Makoni*, †*Kapoxó*, †*Kumanaxó*, †*Panhame* etc.)

B) †PATAXÓ de WIED

C) †PATAXÓ-HÁHÁHÁE

II) †MALALI

⁸ Enquanto uma cruz (†) indica uma língua extinta, uma cruz pequena (†) significa que algumas pessoas idosas ainda se lembram de algumas palavras.

†Kamakã [2-3 línguas]

I) †KAMAKÃ PRÓPRIO

A) †KAMAKÃ (incluindo: †Kotoxó, †Mongoyó, †Monxokó, †Katatoi etc.)

B) †MENIEN

II) †MASAKARÁ

Krenak (Borun, Botocudo, †Gueren) [1 língua]

Yatê [1 língua]

†Kariri [1 língua]

Após a expulsão dos holandeses, nos meados do século XVII, portugueses e paulistas entraram agressivamente no sertão nordestino, obrigando os kariri a migrações, fugas e assentamentos forçados. Isso explica a dispersão dos vários grupos kariri: †kipeá na Paraíba e no Ceará, †sabuyá no noroeste da Bahia, †dzubukuá nas ilhas do São Francisco, †kamuru etc. Parece ter havido poucas diferenças dialetais entre todos esses grupos. O *kariri de Mirandela* parece também pertencer à família kariri, mas com um possível substrato ou superestrato (“katembri” ou “kaimbé”) (Métraux, 1951, pp. 56-58, Meader, 1978, pp. 38-40). Um estudo comparativo entre o kariri e a família karib mereceria a maior atenção. Comparemos (karib / kariri): **pana / beje orelha, nu / nunu língua, amoi / ebaja unha, pu / wo pé (perna), po / bo braço, epiri / puru flor, ari / erã folha, eset / dze nome, ene / ne ver, wenu / unu dormir, wene / une sonho, ri / di dar, mai / me falar, pu / pu assar, i- / hi- !sg, a- / a- 2sg, ku- / ku- 1pl, ti / di reflexivo, eki / eki animal de criação** etc.

Linguae Incertae Sedis: †Jaikó (Piauí, uma língua da família jê?), †Baenã (na divisa da Bahia com Minas Gerais), †Xokó (Xukuru-Kariri) (foz do rio São Francisco e norte de Alagoas), †Tuxá (Rodela) (rio São Francisco, perto de Rodelas), †Xukuru (na divisa Pernambuco-Paraíba), †Pankararu (Pankaru) (na divisa Pernambuco-Bahia-Sergipe), †Kambiwá (Pernambuco, uma língua da família pankararu?).

ANEXO II

LISTA DE PALAVRAS MAXAKALI

	MAXAKALI MODERNO (C) : língua dos cantos	†PATAXÓ de WIED	†PATAXÓ- HÁHÁHÁE	†MALALI	MACHACARI ANTIGO †Machacari (M), †Kapoxó/†Kunamaxó/ †Panhame (K), †Monoxó (Mo), †Makoni (Mak)
1. cabeça / head	p̄itoj / ptowe	patoj	blkoj	(akö, kai)	mtop-om (M), patanj-on (K), toj (Mo), potoj (Mak)
2. cabelo ¹ / hair ¹	tʃɛ	---	tʃɛ	sekö	---
3. cabelo ² / hair ²	d̄it	tan	---	aö	den (M), dan (K), daen / d̄ürn (Mak)
4. olho (face) / eye (face)	kaj / kij	---	---	kaj	kaj (M/K/Mak)
5. olho / eye	(pa)	gua	gua / ʔwa	(keto)	gué (M), gua (Mo)
6. orelha / ear	j-ĩpkoj	tʃok^aptʃo j	ɛmpʔoi	j-epko	n-ĩpikoj (K), n-ipkoj (Mak)
7. nariz / nose	tʃip̄ip	sikap	tʃih̄i	sejé / sezi	ni-tsi-koe (M), ni-tʃi-koj (K/Mo), -fi-koj (Mak)
8. boca / mouth	j̄ijkoj	---	t-akaoj / angtaj	jatako	pikoj / nikoj (M/K/Mo/Mak)
9. dente / tooth	tʃoj	---	thoj	jô / zo	tʃoi (M/K/Mo/Mak)
10. língua / tongue	j̄intʃög / joetʃö	---	tʃuh̄ü	joepo	tʃapetan (K/Mo/Mak)
11. unha / nail	m̄atʃaj	menan	tʃain̄	miatʃia	m̄atʃaj (Mo)
12. pé / foot	pata	pata	paka	pata	pata (M/K/Mo/Mak)
13. perna ¹ / leg ¹	(pata-ptoj)	tʃakepke ton	tʃekö	kemno	tʃek-noi / kene (M), feinon / kane (K), kane (Mak)
14. perna ² / leg ²	(patʃikotʃik)	---	ŋgiho	piota / je	je / piota (Mo), niotah (Mak)
15. joelho / knee	kopatʃij	---	ʔɔmayi	---	kupatʃé (M)
16. mão / hand	j̄im	n̄üp / pip	mpahabm	n̄jim	nim / pim (M/K/Mo/Mak)
17. braço / arm	(j̄im-kotʃik)	(n̄ip- katon)	---	n̄im-noi	n̄im-noi (M/K/Mo)
18. asa / wing	m̄añ	---	---	(pöe)	m̄añ (Mak)
19. barriga ¹ / belly ¹	j̄ön	---	(bū)	i-gno	pon (M/K/Mak)
20. barriga ² / belly ²	tɛj	tɛ	a-kɛ	---	---
21. pescoço / neck	m̄aj-kotʃ, tʃit-kotʃ	maj	tʃipai	(a-jemio, a-on)	k(a)takaj (Mo/Mak)
22. peito / chest	kɛp	kɛp	(tʃohob)	(a-joʃe)	kematan (M/K/Mak)
23. seio / breast	tʃok-tat / j̄ön-tat	---	ngökaj	(pojó)	tsik-tan (M), ʃe-tá (K), ʃie-tah (Mak)
24. coração / heart	k̄itʃa	---	ʔɔtʃö	kefo	kepa (M/K), kifa (Mak)
25. fígado / liver	tʃip̄k̄in̄aj	kiop- kanaj	tʃ^oam̄ŋḡãⁱ	---	---
26. osso / bone	k̄ip	---	ʔip-tʃuj	kem	kaep-tʃioj (Mak)
27. sangue / blood	hɛp	ghɛm	heb	kemje	kɛŋ (M), kan (K), k̄üm / kö (Mak)
28. carne / meat	j̄in / tʃognak	u-niin	tʃuiŋ / xim	junié	tiungin / fonjinan (M/K/Mak)
29. pele / skin	tʃaj	---	tʃok-tʃadj	tʃaj	ʃaj (K), to-tʃaj (Mak)
30. urina / urine	tʃij	---	tʃujtʃuj	---	ʃiuh (Mak)
31. folha / leaf	tʃij	---	---	---	ʃuill (Mak)
32. raiz / root	j̄iptʃatit	---	---	mimtiɛ	nimtʃatitill (Mak)

33. semente / seed	tʃahap	---	kahab	---	---
34. fruta / fruit	ta	---	kʌ	---	ta (Mak)
35. ovo / egg	tʃik	tieng	itʃɿ	kier	tim (M), tin (Mak)
36. cauda / tail	kaj	---	ŋgɿ	---	---
37. gordura / grease	top	tomaiso m	---	---	touum (Mak)
38. chifre / horn	---	---	pub	(manaitke)	kūm (Mak)
39. homem / man	pit	---	(kaniako)	(niopoa, atepiep)	pin (M/K/Mo/Mak)
40. mulher / woman	tʃetit	na(k)tim	tʃekūi	(ajente, nioptanpitek nan)	tí(n) (M/K/Mo/Mak)
41. pai / father	ātak	ektan	ēŋka	(tanatāmon, manaiamka)	tatan (Mo), tatang (Mak)
42. mãe / mother	tít	a-tön	ēŋkai	a-te	---
43. pessoa / people	(tik)	patafi	a-bkahâi	---	---
44. filho / son	kitok	keto	akô	akó	attoh (K), kuto (Mak)
45. irmão / brother	ij-nōj, tak-nōj	eketan-noj	āhūj	hagno	idnooj (M/(K)), tʃinaŋ (Mak)
46. irmã / sister	hej	e-he	---	---	---
47. peixe / fish	ma(h)am	maham	maham	maap	maam (M/Mak)
48. pássaro / bird	pitijnāŋ	pete	pekajnāo	poignan	petoignang (Mak)
49. árvore / tree	mīp + abaʔaj	mip	mī	me	abaaj / abooj (M/K/Mak)
50. sol / sun	mājōn	majon	maŋgu	(hapem)	apokaj (M/K/Mak)
51. céu / sky	pejkoj	---	bekoj	(jamepáome)	pekoj (K), betkoj (Mak)
52. lua / moon	mājōn-hej	---	mapu-tia	ajé	pua(n) (M/K/Mak)
53. estrela / star	mājōn-nāŋ + ahtfi (C)	---	maŋgu-hā	---	afi (M/K/Mak)
54. água ¹ / water ¹	kōnāʔāŋ	tieng	ngɿhɿ, jahasi, nɿkupa	keje / jeje	konaʔang (M/K/Mak), tiene (Mo)
55. água ² / water ²	hep	---	heb	---	---
56. chuva / rain	tehej	---	kehe	jaab	thek (Mak)
57. vento / wind	ābiih	---	hɿmtʃ^haʔi	aojé	abū (K), abill (Mak)
58. casa / casa	pet, mīp-tit	---	paʔiŋku, mbahiko	(jeó, hué)	beär (M/K), mebtaga (Mo), bem / pehro (Mak)
59. areia / sand	āmot	---	---	(natho)	awoon (Mak)
60. pedra / stone	mīkaj + komtaj (C)	mikaj	pʔaʔajm, mikahab chāo	haak [“ferro”?]	kutaj (K), komtaj (Mak)
61. terra / ground	hā(h)ām	aham	hahām	am	aam (K), (h)aam (Mak)
62. fogo / fire	ki[-tʃab]	kōa	tʃahabm	kuiá / koiá	ke[-fam] (M/K), ki (Mo), ki (Mak)
63. fumaça / smoke	gōj	---	ʔuʔūj	---	---
64. cinza / ash	pitohok	---	bukuhu	---	---
65. caminho / path	pitahat	---	mb^wai ʔoi	paa	pataan (Mak)
66. noite / night	āmnīj	---	(h)aguī	aptom	eimning / aptamma (Mak)
67. frio / cold	ātʃi + tʃap	nup-tʃaap-	---	(kapānomiŋ miŋ)	jaeme (K), ijfiohm / jaam (Mak)

		taŋmaŋ			
68. bom / good	baih	maj	---	poj	baj / poi-nan / pai-nan (M/K/Mak)
69. grande / big	toj	toj	kuj	toj	toj (M/K/Mak)
70. muito / many	(tfohiŋ)	---	---	gnona	njunaj (K/Mak)
71. velho / old	hittap	hitap	---	---	ikaten (Mak)
72. branco / white	mnok	---	---	---	mbto (Mak)
73. preto / black	mññij	temeniej	---	(echeemtom)	eimning / imnitam (Mak)
74. cansado / tired	jājnōjnāŋ	---	nāŋguNpā	---	---
75. doente / sick	pakit	---	ΛʔampΛʔi	---	pakon (K)
76. vazio / empty	hāmhok	---	hΛmtfoai	---	---
77. doce / sweet	---	---	tfoipehinā	---	jupei (K)
78. beber / to drink	tfoʔop	---	tfohob	---	tjuum (M/K/Mo/Mak)
79. engolir / to swallow	tōmā-hā	---	kumā	---	---
80. comer / to eat	māhā, tfit	---	-ma	sit, meng	tigman (M/K), rfin (Mo), mafll (Mak)
81. ver / to see	penāhā / henāhā + pami (C)	---	---	---	va-pavi (K), da-babih (Mak)
82. dormir / to sleep	mōʔjōn	mohon	gum	māhon	monon / mopung (M/K/Mo/Mak)
83. morrer / to die	tʃok	---	tʃuku	(hepoho)	---
84. ir / to go	mōŋ	---	---	(akehege)	mong (M/K/Mak)
85. vir / to come	nñn	nanā	---	(pó!)	nainam (K)
86. dar / to give	hōm	---	---	napos-nom	apaenjame (K), apone-nom (Mak)
87. cair / to fall	nāhā	---	---	omée / oma	om-nā (Mak)
88. chorar / to cry	potaha	---	poka	---	---
89. gritar / to shout	tʃata(há)	---	ā-tʃaka	---	ifatar (Mak)
90. lançar / to throw	tʃaha	tʃaha	tʃΛhā-kεb	---	---
91. eu / I	īg / ā	a(k)-	ā-	pō	i- (M), ai (Mak)
92. tu / thou	ā / tʃa	a(t)-	---	---	tʃai (Mak)
93. ele / he	ī	e-	---	---	---
94. nós / we	jīmñij / ñmñij	---	---	---	niama (M), i-man (K), ai-tʃom (Mak)
95. este / this	nñh	nu	---	---	---
96. aquele / that	nōʔōm	po	---	---	---
97. não / no	hok	-ok	---	(atepomnok)	apto (K/Mak)
98. I	pñtjet	petiäenam	bakatʃe	pose	poetʃaenang (Mak)
99. tamanduá / anteater	tʃokijnāŋ	---	tʃúʔi	(kakee)	---
100. tatu / armadillo	koip	---	ʔuwid	konib	koim (M/Mak)
101. paca / paca	---	tʃapa	tapa	---	---
102. anta / tapir	āmātʃij	amafü	Λmahāj	amajö	amatʃij (Mo)

103. porco / pig	tfapip	faem	tfâhâb	zauem	---
104. cervo / deer	mĩnĩj	---	mãŋgãj	manaj	manaj (Mak)
105. cão / dog	kokej	koké	woé	woko	kukej (Mo), poko (Mak)
106. macaco ¹ / monkey ¹	poʔop	---	bohob	---	---
107. macaco ² / monkey ²	---	---	---	kũfnió	kefniong (M), kepo (Mak)
108. bugio / howler monkey	koktij	---	kukĩN	---	kokte^g (M), kotong (Mak)
109. galinha / hen	tfokakkak	tfuktaka ko	bakatfĩngʌ	sukaka	tsukakakan (M), tiukakan (Mak)
110. cobra / snake	kãjã	---	ʔãŋgã	(hahim, checheem)	kaniá (Mo), kapa (Mak)
111. tartaruga / tortoise	kefmaj	---	ʔewaĩng	---	---
112. jacaré / cayman	mãʔãj	---	mãj	ae	maaj (M), maáj (Mo), maaj (Mak)
113. sapo / toad	mattik	---	uaŋkʔi	---	---
114. mosca / fly	kĩmjãm	---	ʔibikãĩ	kepna	kemnian (Mak)
115. pulga / flea	ãptfĩj	---	---	amhaj	hamijan (Mak)
116. carrapato / tick	tfaptit	---	tfaki^d	---	---
117. cuia / gourd	tot	tot(-sa)	---	---	---
118. mandioca / manioc	kot / kõn	kohomm	ʔuhũj	kuniã	kon (K), kohóa (Mo), kon (Mak)
119. capim / grass	hãp-tfĩj	---	tfayi	afena	fĩui (M), fĩui (K), tfuih (Mak)
120. milho / maize	patfok	patfon	bahog-tfab	mana-za	patfog (Mo), mena-fam (Mak)
121. banana / banana	tep-ta	---	keb-ka	---	atemp-ta (Mak)
122. tabaco / tobacco	kohok	---	(tfamĩnãũ)-kahabm	---	apufaj / minjon (K), kohok (Mo), abtfam (Mak)
123. anzol / hook	kotfãm	kutiam	---	---	kapapam (Mak)
124. arco / bow	(nãptĩt)	poitaŋ	bokãĩ	soihé	tsajhã (M), tsajhã (K), paniam (Mak)
125. canoa / canoe	mĩp-koj	mib-koj	mimp-ʔoj	---	mib-kaj (Mo),
126. espírito / spirit	jãmĩj	niami	---	---	niami (K), nianmĩj (Mak)
127. espinho / thorn	mĩjãmp, tfãp-tfoj	mihiam	mãnguaha m	mimiam	minniam (M), bimniam (Mak)
128. faca / knife	(mĩkaj)	amanoj / amanaj	ãmãgãj	(haak)	putitaj (K), patitaj (Mak)
129. flecha / arrow	pohoj	pohoj	bohoj	poĩ	pahan (M/Mak)
130. machado / ax	kĩpiʔik	kaxa	ʔaxa	pe / pi	pũm (M), piim (K), pihim (Mo), piim (Mak)

ANEXO III

LISTA DE PALAVRAS KAMAKÁ

	†KAMAKÁ	†KOTOXÓ	†MONGOYÓ	†MENIEN	†MASAKARÁ
1. cabeça / head	hérroh / aurú	heró	hero	i ^o ro	x-aroh
2. testa / forehead	aküh	aké	aké	---	küh
3. cabelo / hair	köh / kéh	ke	kä	gé	chöh / gö
4. orelha / ear	ni(n)kokah	niko	ni ^x ko	inkogá	ch-üchgoh
5. olho / eye	köhthoh / kedo	kitho	kedó	gutó	götx
6. nariz / nose	ni(n)-(z)ikoh / ni-higo	niika	nihiko	infiwó	tchüchgoh
7. boca / mouth	tciokah / diukah / dihariko	häräko	häräko	(iniatagó)	tchiatta
8. dente / tooth	tfoh / dzu	dió	dió	jo	thüoh
9. língua / tongue	tjiale / dihary	diaferä	diaferä	---	kung(u)ring
10. unha / nail	tfo / dzu-ka	tio-ka	---	---	thu-kah
11. pé / foot	uade / wati	hoate	uadä	---	huachtöh
12. perna / leg	getsu / gefuru / gathié / katsa / kai	tsé / tié	ketse	a-fi	füökuh, küungiring
13. mão / hand	ni-krefi / ni(n)-ker / ni-tfoh	nihi-tió	nin-kre	inkrú	(küm-büoh)
14. braço / arm	ni-uma / pi-uam	ni-ohan	ni-chüa	ighia	(küm-)ghüáng
15. barriga / belly	niukoh	knioptech	knioptech	jundu	tjiug-grüj
16. pescoço / neck	kakoh / nin-kadzô	---	nin-khedió	inkió	thüngkoh
17. seio / breast	niugara	niuera / nihuj	kniochhere	a-njú	jumbiftüh
18. sangue / blood	joh	kedió	kedió	i-só	höh
19. carne / meat	koa / em-koho-uadia			kioná	koho-aija
20. pele / skin	anká	naka	naka	---	---
21. folha / leaf	erreh	ere	ere	---	---
22. raiz / root	---	kase	kase	kiaji	---
23. buraco / hole	---	---	(ae-)ko	---	(pa-)kó
24. homem / man	geitfe-ni, kitfa-ka	kediach-ka	---	kahé	---
25. mulher / woman (?)	krara, jakraha-da / sakraa-tan	kiachkrara	kiachkrara	(afun, fá)	thsiagtkrá, (ihnta)
26. criança ¹ / child ¹	kara-dan, dan, kranij	kedikägrá, kare-tju	getiekrá, kraha-do	kana-ju / -tan	(ihngabiúh, kügkrá)
27. criança ² / child ²	koanin	koinin	koinin	---	---
28. pai / father	göhrn-tan / kehen-dan	kihe-tá	kean-dá	---	ghüinj-niap
29. mãe / mother	totsöhn-tan	titsil	---	---	foöh
30. irmão / brother	kejak-guanang	kiach-koadan, (chiton)	---	(ato)	thiagt-qua
31. peixe / fish	huan	huan	huã	hã	---
32. ave / bird	fano / funong	---	fana	satá	sakru / sairo
33. árvore / tree	hui	sahié / huj	hãüüé / hoin-dá	hi, hín-tá	(ku)
34. sol / sun	jotse	hiosö	hiotsé	fioji	tsoi(k)nih
35. dia / day	ahnri	---	ari	---	tsoirih

36. lua / moon	hähie / dihé / tue	hidié	hädiä	jé	---
37. estrela / star	pion	piao	péo	pinia	pinnatsö
38. raio / lightning	tsangoraj	sankoraj	sankoraj	---	tsingoriany
39. água / water	ts(h)ã	sa(n)	sa	siⁿ	tsüe / tsyin
40. vento	fikkih	fiky	hedjekke	juá	aungachhüh
41. floresta / forest	---	toko	dochodiä	antó	anthó
42. casa / house	töah / d(e)ha	tuáh	deá	tuwaá	(pá)
43. pedra / stone	---	kiang	keá	---	---
44. terra / ground	eh	é	e	é	oeh
45. fogo / fire	tfax-ké, hiegh-ke	tiakihl	diaxké	jarú(i)	(gu)cháh / hugha
46. caminho / path	---	---	hyá	já	---
47. montanha / mountain	---	kri	kere	---	---
48. noite / night	koptagering, hamani	huerá	huerachka	utá	ambüch
49. bom / good	fítsköh / fiohoh / fioijeh	koiki / johó	koiki / joho	ingóte	ochhuangöikero
50. grande ¹ / big ¹	hieh	hiä	hiä	in-fé	---
51. grande ² / big ²	iroro	irö-oro	iro-oro	(tuji)	(a)tfirogsö / erooang
52. branco / white	kekorroh / hara	kohoro	in-kohero	---	ingkuirá
53. preto / black	kwahäda	tah / khohadá	koachedá / khohadá	kuatá	gachthá
54. vermelho / red	koro	hyroh	kohira	---	hingürá
55. beber / to drink	inkwa / tsanka	---	---	---	---
56. comer / to eat	nionkua / puamkuhá	niukuá	niukuá	jukuá	inthug krüing, kuing
57. ver / to see	ha hôf	---	---	---	---
58. dormir / to sleep	montoj / humdhon / hondo(n)	---	hakepe-hodoch-kó	jundun	---
59. morrer / to die	dáu / hande bater	endiä-ná / hende-che	endie-ne / hende-che	j-uni	hiang-honi
60. ir / to go	mang	man	man	niamu	---
61. vir / to come	ni	---	---	ni	---
62. dizer / to say	tfaxkf / fakrih		fakré-ré	---	---
63. cair / to fall	ranka	rachká	rachká	---	---
64. dançar / to dance	jekoeng-ni	ekoin	ekoin	---	---
65. eu / I	in- / ni- / mikam	echchá, my-mafi, -hoho	echchá	---	ingniung meu
66. não / no	ho		moji		
67. 1	huaetoh / hueté	yhueto	---	wetó	---
68. 2	ingu	itsé	---	---	hingri
69. tamanduá / anteater	---	---	perá	---	pé
70. cutia / agouti	---	---	hohion	onjó	---
71. paca / paca	kavy / káfi	---	káwi	---	---

72. anta / tapir	here	here	herä	ere	---
73. porco / pig	kuiá	kuga	küa	kuiá	---
74. quati / coati	pitakó	pitakó	---	---	---
75. cão / dog	tfake	tiake	jake	jaki	jakre
76. maracajá / ocelot	kuiwã	kypohen	kuifhua	---	---
77. macaco ¹ / monkey ¹	kãn	kão	kaun	kãun	---
78. macaco ² / monkey ²	(r)hike	hiké	---	---	---
79. arara ¹ / macaw ¹	foke	foke	tfokä	---	---
80. arara ² / macaw ²	kara-je	ganga-je	---	---	gará
81. cobra / snake	---	ti	di	ti	---
82. jacaré / cayman	uéié	---	---	ué	---
83. borboleta / butterfly	---	jakiré	fakrere	---	---
84. cuia / gourd	kejakoh	keräkka	kerächka	---	krö
85. mandioca / manioc	kaf / kahatf	---	---	kaiú	kachüh
86. capim / grass	kai	kai	ka'i	---	---
87. milho / maize	kedio	kethio	kefo	kfo	---
88. banana / banana	tako	taio	---	(inkru)	---
89. feijão / bean	kuṇa	ginjá	kepá	---	kunung
90. arco / bow	kuhan / kan-wan	goun	kuan	huán	---
91. flecha / arrow	wãn	huun / hoag	hoaj	hain	---
92. deus / god	kitfáura	githiao	---	---	---
93. faca / knife	kitfa-kre / kefa	---	kedia	keaio	---
94. sal / salt	efiki	---	efké	fukí [<small>< L. Brasflica jukira</small>]	---

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYRES DE CAZAL, Manoel. 1845. *Corographia brasílica ou relação historico-geographica do Brazil (1817)*. Rio de Janeiro.
- CAMPBELL, Lyle & Marianne MITHUN. 1979. "Introduction: North American Indian historical linguistics in current perspective", pp. 3-69 in *The languages of Native America*, eds. L. Campbell & M. Mithun. Austin: University of Texas Press.
- CAMPOS, Carlo Sandro de Oliveira. 2009. *Morfofonêmica e morfossintaxe da língua Maxakalí*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: tese de Doutorado.
- _____. 2011. *Contribuições da língua Maxakalí para a descrição léxico-gramatical da língua Pataxó*. Comunicação feita no Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, Vitória (Espírito-Santo).
- ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. 2002. *Journal do Brasil 1811-1817*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- FAGUNDES, Giselle & Nahílson MARTINS. 2002. *Capítulos Sertanejos*. Montes Claros.
- GUÉRIOS, R. F. Mansur. 1944. "Estudos sôbre a língua Camacã", *Arquivo do Museu Paranaense*, vol. 4, pp.291-320. Curitiba.
- KNIVET, Anthony. 1906. "The admirable adventures and strange fortunes of Master Antonieó Knivet, which went with Master Thomas C in his second voyage to the south sea. 1591", vol. XVI, cap. VII, pp. 177-289, in *Hakluytus posthumus*, ed. Samuel Purchas. Glasgow.
- LIMA, Francisco das Chagas. 1885. "Notícia da fundação e princípios d'esta Aldêa de S. João de Queluz", *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. V, nº17, pp.72-76.
- LOUKOTKA, Čestmir. 1932. "La familia lingüística Kamakan del Brasil", *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, Tucumán, vol. 2, pp. 493-524.
- _____. 1937. "La familia lingüística Coroado", *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, vol. 29, nº1, pp. 157-214.
- _____. 1963. "Documents et vocabulaires inédits de langues et de dialectes sud-américains", *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, vol. 52, pp. 7-60.
- _____. 1968. *Classification of South American Indian languages*. Los Angeles: Latin American Center, UCLA.
- MARLIÈRE, Guido Thomaz. 1906. "Escritos avulsos, correspondência". *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, Ano X, fascículos III e IV, pp. 383-668.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. 1863. *Glossaria linguarum Brasiliensium: glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallao os Indios no imperio do Brazil*. Erlangen: Druck von Jange.
- MASON, J. Alden. 1950. "The languages of South American Indians", pp. 157-317 in *Handbook of South American Indians*, vol. VI, ed. J.H. Steward. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington, D.C.: Smithsonian Institution.
- MEADER, Robert. 1978. "Índios do Nordeste", *Série Lingüística* 8, Brasília: SIL.
- MÉTRAUX, Alfred. 1951. "Une nouvelle langue Tapuya de la région de Bahia (Brésil)", *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, vol. 40, pp. 51-58.
- _____. 1963. "The Purí-Coroado linguistic family", pp. 523-530 in *Handbook of South American Indians*, vol. I, ed. J.H. Steward. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington, D.C.: Smithsonian Institution.
- NIMUENDAJÚ, Curt. 1958. "Índios Machacari", *Revista de Antropologia*, Separata do vol. 6, nº1, pp. 53-61. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- _____. 1987. *Mapa etno-histórico*. Rio de Janeiro: IBGE.

- POPOVICH, A. Harold & Frances B. POPOVICH. 2004. *Dicionário Maxakalí-Português*, Cuiabá: SIL.
- RIBEIRO, Eduardo Rivail. 2007. *Eastern Macro-Jê: a hypothesis on the internal classification of the Macro-Jê stock*. [manuscrito]
- RODRIGUES, Aryon D. 1999. "Macro-Jê", pp. 164-206 in *The Amazonian Languages*, eds. R.M.W. Dixon & A.Y. Aikhenvald. Cambridge: Cambridge University Press.
- RODRIGUES, Aryon D. & A. S. A. C. CABRAL. 2007. "Através do léxico Macro-Jê", pp. 175-179 in *Línguas e Culturas Macro-Jê*, eds. A. D. Rodrigues & A. S. A. C. Cabral. Brasília: Editora UNB.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. 1975. *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- _____. 2000. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- SCHOTT, Heinrich Wilhelm. 1822. *Tagebücher des K.K. Gärtners in Brasilien*. vol. 2. Brünn.
- SILVA, Aracy Lopes da & Maria Carolina Young RODRIGUES. 1982. *Lições de Bahetá: sobre a língua Pataxó-Hãhãhã*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo.
- SILVA NETO, Ambrósio Pereira da. 2007. *Revisão da classificação da família lingüística Purí*. Universidade de Brasília: dissertação de Mestrado.
- SPIX, Johann Baptist von & Karl von MARTIUS. 1981. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*, 3 volumes. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- TORREZÃO, Alberto Noronha. 1889. "Vocabulário purí", *Revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LII, parte I^a, pp.511-514.
- URBAN, Greg. 1998. "A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas", pp. 87-102 in *História dos Índios do Brasil*, ed. M. Carneiro da Cunha. São Paulo: Companhia das Letras.
- VASCONCELLOS, Simão de. 1865. *Chronica da Companhia de Jesu, do Estado do Brasil*. vol. 1. Lisboa.
- WIED, Maximilian Alexander Philipp, Prinz von. 1989. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.